



Roteiro polos espazos vitais e literarios de Eugénio de Andrade en Porto

con Maria Boichichio

Porto, 14 de outubro de 2023

Código en fprofe: G2303006



XUNTA
DE GALICIA

CONSELLERÍA DE
CULTURA, EDUCACIÓN
E UNIVERSIDADE



Maria Bochicchio

Maria Bochicchio tem vindo a dedicar-se a variadas disciplinas, com destaque para as Literaturas Portuguesa e Italiana, a Linguística e a Filologia. A sua formação iniciou-se na **Universidade de Florença** e prosseguiu em França, onde se especializou em crítica genética (**ITEM de Paris**), e na Suíça (**Universidade de Genebra**) em crítica das variantes, tendo realizado o doutoramento na **Universidade do Porto** e um pós-doutoramento na **Universidade de Coimbra**. Investigadora do **Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos** da Universidade de Coimbra, coordena o grupo de trabalho "**Poética e Retórica**". Tem vindo a dedicar-se nos últimos anos ao estudo da receção crítica e criativa de Camões na modernidade, à divulgação de poetas portugueses contemporâneos e a aspectos diversos da problemática inter-artes.

Além do italiano e do português, dedicou-se também ao francês, ao hebraico e ao grego bíblico e respetivas culturas, vindo o seu trabalho a combinar-se com outros domínios, como o ensino universitário, o ensino literário, a tradução, a poética, a entrevista (Mário Cesariny de Vasconcelos e Manoel de Oliveira, entre outros) e a divulgação cultural.

Realizou projetos com instituições diversas, entre as quais o Centro Nacional de Cultura, o CCB, o Instituto Italiano de Cultura, o Comité Dante Alighieri Portugal, do qual foi vice-presidente e responsável pela programação cultural.

É autora de numerosos ensaios, colaborou com vários centros de investigação nacionais e estrangeiros e com diversas revistas literárias internacionais, tendo sido curadora de diversas exposições, nomeadamente Refrações Camonianas em artistas do Século XXI, no Museu Nacional Machado de Castro. Em 2016, Foi Comissária Geral da Feira do Livro do Porto. Em 2023 publica o ensaio *Escrever o Corpo - Uma Leitura da Poesia de Eugénio de Andrade* na Editora Exclamação.

Índice

Ponto 0 — Póvoa da Atalaia	03
Ponto 1 — Fundação	18
Ponto 2 — Jardim do Passeio Alegre	20
— Cantareira	21
— Raul Brandão	22
— António Nobre	24
Ponto 3 — Largo do Viriato	26
Ponto 4 — Jardim Botânico	27
Ponto 5 — Rua Dr. Barbosa de Castro	29
Ponto 6 — Rua Escura	31
Ponto 7 — Sé do Porto	36
Ponto 8 — Paineira <i>Ribeira Negra</i>	38
Ponto 9 — Cubo da Ribeira	41
Ponto 10 — Cooperativa árvore	43

As cidades, por toda a parte, tornaram-se insuportáveis. Só algumas muito raras escapam à danação: terão que ser pequenas e de província, naturalmente. O Porto, além das privilegiadas residências cercadas de muros espessos como muralhas, tem ainda um ou outro jardim, uma ou outra rua a lembrar aquela em que me refugiei há mais de trinta anos, por não poder exercer a profissão que tinha nesse tempo em Creta ou em qualquer ilha dos Açores. Mas a cidade o que tem, sobretudo, é carácter – um carácter que faz do cidadão do Porto o mais belo estilo de se ser português.

Esta cidade, cujo espírito exasperado e viril fez do granito escuro das suas pedras espelho da própria alma; esta cidade, cuja gente tem uma rudeza de fala e de gestos que lhe vai a matar com o seu ódio à futilidade e à hipocrisia; esta cidade, que herdou da aspereza do solo e do carão duro do rio uma solidez que leva às coisas da arte e do coração; esta cidade, deixai-me repeti-lo, com o seu carácter eminentemente democrático e popular, torna o resto do país com excepção do Alentejo e do Alto Douro, completamente amorfo.»

Eugénio de Andrade (1993) *À sombra da memória*.

Ponto 0 — Póvoa da Atalaia



Casa natal de Eugénio de Andrade.



Na Casa da Eira, Póvoa de Atalaia,
1992

Eugénio de Andrade é um poeta quase sem biografia. Viveu uma vida discreta, caracterizada por uma solidão continuamente procurada e defendida. Habitou cidades como Castelo Branco, Lisboa, Coimbra e Porto. Sentiu-se sempre profundamente ligado ao lugar onde nasceu, Póvoa de Atalaia (Beira Baixa), e onde residiu até aos sete anos *«foi importante ter nascido numa pequena povoação do val com grandes espaços abertos à poeira dos rebanhos (...) ter sentido o arder do vento e o cheiro da cal»*. As suas raízes mergulham num universo rural e elementar, o da **terra-mãe** que lhe forneceu ou condicionou as matrizes humanas e poéticas, que ele celebrou nos seus textos¹.

José Fontinhas Rato foi o nome que lhe deram os seus progenitores mas, por este nome, poucas pessoas o devem identificar. Na realidade, se falarmos em **Eugénio de Andrade**, será mais fácil associá-lo ao grande poeta que nasceu a **19 de Janeiro de 1923**, na **Póvoa da Atalaia** (pequena aldeia da Beira Baixa – Fundão). Era filho de camponeses abastados pelo lado paterno (**Alexandre Infante Rato**, Póvoa de Atalaia, 21-11-1903 – Lisboa, 11-11-1968) e de gente que trabalhava a pedra pelo lado materno (**Maria dos Anjos Fontinhas**, Atalaia do Campo,

08-06-1901 – Lisboa, 14-04-1956)². O seu nascimento é marcado pela situação irregular dos pais, que mesmo depois de regularizada através do casamento irá durar pouco, o que, juntamente com o facto de ter sido abandonado pelo pai, irá marcar para sempre o

¹ Maria BOCHICCHIO (2023) *Escrever o corpo. Uma leitura da poesia de Eugénio de Andrade*, Editora Exclamação, pg. 21.

² As relações de Eugénio de Andrade com a Espanha começaram, a bem dizer, antes do seu nascimento, pois corria nele sangue espanhol. O seu avô Guilherme, pedreiro ou mestre de obras de Póvoa de Atalaia, aldeia que ficava perto de Monfortinho ou da fronteira, fazia empreitadas em Valverde del Fresno, Coria, onde conheceu Juana, com quem casaria e de quem teve Maria dos Anjos, a mãe do poeta. Em *Estas areias* final de *Memória doutro Rio*, lembra esse avô «Ao avô Guilherme que afagava uma pedra como se fora uma criança, e eu não tardaria a nascer»¹; e um poema de *Escrita da Terra* celebra euforicamente a terra de Juana, onde, levado pelos avós e pela mãe, «passou largas temporadas da sua infância».

De acordo com o que o poeta me confessou, a mãe dizia-lhe que foi em Coria que lhe nasceram os primeiros dentes. Mas a Ángel Crespo confessou que «as primeiras palavras que pronunciou eram castelhanas»; e numa resposta recolhida em *Rosto Precário* deixou dito: «*Mamita* deve ter sido a primeira palavra que aprendi inteirinha, e tal palavra pertence a uma cultura que eu viria a amar sobremaneira. Nos romances que minha mãe me cantava, quando era pequeno, as perplexidades entre o português e o castelhano eram frequentes, e tais perplexidades agravaram-se no resto da infância e começo da adolescência, já em Lisboa, com a minha primeira grande amizade: um rapazito das bandas de Compostela, que introduziu naquela algarviada algumas palavras galegas.»

Esse «rapazito», três ou quatro anos mais velho do que Eugénio (que então andava pelos 11/12 anos), ensinou-lhe alguns palavrões e alguns «rudimentos de sexualidade», mas levou-o também à leitura do *Quixote* e talvez da poesia de Gustavo Adolfo Bécquer. Foi no entanto pelos seus 16/17 anos que as portas de Espanha se lhe «abriram para sempre», graças ao convívio com o bailarino Pepe Montes, que fora amigo de Lorca, de quem sabia poemas de cor.

Arnaldo SARAIVA «Eugénio de Andrade e a Espanha» in <https://ortegamunoz.com/suroeste/ensayo/arnaldo-saraiva-eugenio-de-andrade-e-a-espanha/>



Maria dos Anjos Fontinhas

(Atalaia do Campo,
08-06-1901 – Lisboa,
14-04-1956).

poeta, que vai mesmo eliminar essa figura da sua obra poética, ao contrário da mãe que, várias vezes, lhe serve de inspiração. *«Póvoa de Atalaia é a minha terra. Fazia falta dizê-lo com o coração. Fica dito»*³.

O poeta inscreve-se num empenhamento vital e no lugar da sua relação com a língua, por excelência materna e ligada à figura da mãe, que é uma das mais complexas e mais completas presenças do universo eugeniano: *«Por mais voltas que dê, é sempre à minha mãe que vou ter quando me ponho a imaginar como é que a poesia se me cravou tão fundo na carne»*. A poesia *«vinha na voz de minha mãe»*. Para Eugénio de Andrade, a poesia começa logo na voz materna e na sua linguagem. A mãe foi a sua Musa primeira e decisiva, provavelmente a que o fez intuir ou presentir as matrizes mais remotas ou os arquétipos do canto e de uma oralidade primordial, anterior à escrita poética⁴.



Alexandre Infante Rato

(Póvoa de Atalaia,
21-11-1903 – Lisboa,
11-11-1968)

³ A avô materna dele nasceu em Espanha: em Valverde del Fresno, povoação da província de Cáceres.

P. ¿Qué debe a su obra esa aldea de la Beira Baja llamada Póvoa de Atalaia?

R. Además de mi madre y ciñéndome sólo al mundo de los afectos, hay otra figura con gran importancia para mí y de la que nunca dije lo bastante: la de mi abuelo materno. Mi nacimiento dio origen a un conflicto familiar, del que resultó el haber vivido durante mis primeros tiempos sólo con mi madre. Pero con el último enviudamiento de mi abuelo, mi madre regresó a la casa paterna. Mi abuelo me compró entonces una cabra para que la leche no faltase en casa. Era maestro de obras. Llegó a construir en España y a casarse con una española, de Valverde del Fresno, de la que mi madre me hablaba a veces. Mi abuelo debe haber sido para mí un ejemplo de amor al trabajo y nobleza de carácter. De esa infancia, saturada de luz, heredé imágenes de libertad, porque vivía en permanente contacto con la tierra y los animales, con gente espontánea de un vivir muy próximo todavía con las primeras necesidades del cuerpo y del alma. Viví esos años como si fuesen la emanación de la propia claridad. Después de ir hacia Lisboa, mi madre me mandaba todos los años a pasar las fiestas grandes en la Beira Baja. Fue entonces cuando me aproximé al otro ramo de la familia; el otro abuelo era un hombre acomodado con propiedades que recordaban el monte alentejano: grandes campos de trigo, rebaños ... Era en verdad un hombre rico, si bien mucho de lo que tenía lo habían ganado él mismo y sus hijos, que eran tantos como los de Jacob (por eso debe haber prestado buenas cuentas a Dios, si tuvo ocasión). También él cantaba el *Frei João* mientras podaba las vides.

P. ¿Qué sabe de su abuela española? ¿Ha tenido influencias de la cultura y la poesía españolas?

R. Sólo sé que se llamaba Juana. Mi madre me hablaba de un 'sombbrero blanco' que trajo de Coria y de haber sido allí donde me nacieron los primeros dientes. Sólo más tarde tuve los primeros contactos con la cultura española, y precisamente con la poesía. Fue alrededor de los doce años. Trabé amistad con un muchacho, dos o tres años mayor que yo, de las bandas de Pontevedra, que, sabiendo cuánto me gustaba la poesía, me regaló las *Rimas y leyendas* de Bécquer. Nunca leí las leyendas, pero las rimas las leí varias veces, y algunos de esos poemas aún están en mi memoria. En aquella época, en portugués, no había encontrado todavía esa levedad, esa música aérea y al mismo tiempo tan arrebatada. Las lecturas fundamentales de Pessoa y Pessanha tardarían todavía dos o tres años. Tuve que empujar el carro de mucha basura poética antes de descubrir a Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, António Nobre, Cesário Sá Carneiro, Pascoas y los dos faraones de nuestra poesía moderna ya referidos. Pero a Bécquer nunca lo olvidé, incluso cuando descubrí otros poetas de lengua española más modernos que en algunos momentos me cautivaron.

«Entrevista: Eugénio de Andrade» por Javier García in *Babelia*, 1-11-2001.

https://elpais.com/diario/2001/11/03/babelia/1004747950_850215.html?event_log=go

⁴ Maria BOCHICCHIO (2023) *Escrever o corpo. Uma leitura da poesia de Eugénio de Andrade*, Editora Exclamação, pg. 29-30.

Por outro lado, a escolha de um pseudónimo parece implicar uma necessidade de ocultação («*sentia-me nu nos versos que escrevia, daí a necessidade de me esconder*»). **Eugénio** vem do grego *Eugenios* (de origem nobre, bem nascido ou de alto nascimento, gentil), por via do latim EUGENIU. Quanto a **Andrade**, cuja origem etimológica parece ser obscura (vindo talvez do antropónimo ANTRIATUS, segundo João Pedro Machado), ligado ao nome próprio por uma partícula nobilitante, pode ouvir-se nas suas primeiras sílabas uma relação com o grego *Andros* (homem), sem contar que há uma certa correspondência paronímica entre Andrade e ANDROGINUS. Não ignoramos todavia que Eugénio confidenciou a Arnaldo Saraiva ter pretendido homenagear um amigo mais velho cujo apelido era Andrade⁵.

Texto 1

Póvoa de Atalaia

Foi nestes campos
á sombra destas oliveiras
ou talvez daqueles amieiros
que meu pai e minha mãe se amaram.
Foi no seu olhar, nas suas palavras
ou no seu desejo irreprimível
que a minha vida teve início.
Foi nestas terras
que o sol dançou pela primeira vez
para a pequena festa dos meus dias.

Eugénio DE ANDRADE (inédito - vídeo RTP⁶)

Texto 2

Póvoa de Atalaia

O dia cresceu tanto que não tarda
que a sombra nos dê pelos joelhos,
as mães tecem o riso das crianças,
pelo balcão entornam os cabelos.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da Terra*

Texto 3

As Mulheres de preto

Há muito que são velhas, vestidas
de preto até à alma.
Contra o muro
defendem-se do sol de pedra;
ao lume
furtam-se ao frio do mundo.

⁵ Maria BOCHICCHIO (2023) *Escrever o corpo. Uma leitura da poesia de Eugénio de Andrade*, Editora Exclamação, pg. 31.

⁶ «In Artes e Letras. Eugénio de Andrade - O Poeta», Realização: Jorge Campos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/eugenio-de-andrade-o-poeta/>

Ainda têm nome? Ninguém
pergunta, ninguém responde.
A língua, pedra também.

Eugénio DE ANDRADE (1992) *Rente ao Dizer* (vídeo RTP)

Texto 4

Valverde del Fresno⁷

A cerejeira o muro
uma criança canta
contemporânea apenas
das águas lentas.

É verão onde canta
de ramo em ramo
ou pedra
em pedra essa criança?

Diz-me diz-me
branca cereja branca

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da Terra*

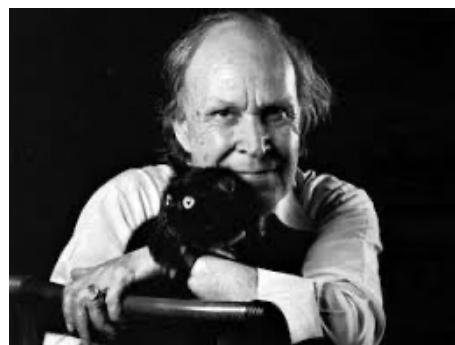
Texto 5

Canção

Tinha um cravo no meu balcão:
Veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?

Sentada, bordava um lenço de mão
Veio um rapaz e pediu-mo
– mãe, dou-lho ou não?
Dei um cravo e dei um lenço,

Só não dei o coração;
Mas se o rapaz mo pedir
– mãe, dou-lho ou não?



Eugénio DE ANDRADE (1974) *Primeiros Poemas*

⁷ A **fala ou galego da Estremadura, fala de Xálima, fala dos Três Lugares** ou **valego** é uma variedade linguística do galaico-português usada por cerca de 10 500 pessoas numa área conhecida por vale de Xálima ou vale do rio Ellas (o Eljas) parte mais ocidental de Cáceres. Foi declarada Bem de Interesse Cultural pela administração da Estremadura em 2001. Em 2016 um grupo de peritos elaborou uma proposta de ortografia baseada na portuguesa. Tradicionalmente, não existe um nome único que abranja as três variantes que se falam em cada um dos três concelhos do vale. Os nomes populares são:

- o **manhego** (*mañegu*, na sua fala), falado em São Martinho de Trevelho;
- o **valverdeiro** (*valverdeiru*, na sua fala), falado em Valverde do Fresno;
- o **lagarteiro** (*lagarteiru*, na sua fala), falado nas Elhas.

Segundo alguns filólogos, existe uma relação entre estas falas e os dialectos do Concelho do Sabugal.

Texto 6**Fim de Outono em Manhattan**

Começo este poema em Manhattan
mas é das oliveiras de Virgílio
e da Póvoa da Atalaia que vou falar.
É à sombra das suas folhas
que os meus dias
cantam ainda ao sol.
A sua canção vem do mar,
mas é com as cigarras e o trigo
maduro que aprendem a morrer.
O ar debaixo dos seus ramos dança,
alheio à luz suja de Manhattan.

Eugénio DE ANDRADE (1994) *Ofício de paciência*

Texto 7

Sou filho de camponeses, passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa que prolongam o Alentejo e, desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a água. Nesse tempo, que só não foi de pobreza por estar cheio do amor vigilante e sem fadiga de minha mãe, aprendi que poucas coisas há absolutamente necessárias. São essas coisas que os meus versos amam e exaltam. A terra e a água, a luz e o vento consubstanciaram-se para dar corpo a todo o amor de que a minha poesia é capaz. As minhas raízes mergulham desde a infância no mundo mais elemental. Guardo desse tempo o gosto por uma arquitectura extremamente clara e despida, que os meus poemas tanto se têm empenhado em reflectir; o amor pela brancura da cal, a que se mistura invariavelmente, no meu espírito, o canto duro das cigarras; uma preferência pela linguagem falada, quase reduzida às palavras nuas e limpas de um cerimonial arcaico – o da comunicação das necessidades primeiras do corpo e da alma. Dessa infância trouxe também o desprezo pelo luxo, que nas suas múltiplas formas é sempre uma degradação; a plenitude dos instantes em que o ser mergulha inteiro nas suas águas, talvez porque então o mundo não estava dividido, a luz cindida, o bem e o mal compartimentados; e ainda uma repugnância por todos os dualismos, tão do gosto da cultura ocidental, sobretudo por aqueles que conduzem à mineralização do desejo num coração de homem. A pureza, de que tanto se tem falado a propósito da minha poesia, é simplesmente paixão, paixão pelas coisas da terra, na sua forma mais ardente e ainda não consumada

Eugénio DE ANDRADE (1995) *Rosto Precário*.

Texto 8

A minha relação com as terras baixas e interiores da Beira é materna, quero eu dizer: poética. A tão grande distância do tempo em que ali vivi os primeiros oito anos da minha vida, o rosto da minha mãe confunde-se com a cor doirado do restolho e daquela terra obscura onde emergem uns penedinhos com giesta á roda, e alguns sobreiros de passo largo a caminho do Alentejo. Mas também os olivais de muros baixos de pedra solta me chegam nas suas falas, as dela e as de

toda essa gente de Póvoa de Atalaia, camponeses na sua quase totalidade; e quando o não eram, o seu ofício era ainda o de uma relação privilegiada com as coisas da terra: pedreiros, carpinteiros, ferreiros. Fora destes mesteres, o restante da população activa lavrava, semeava, sachava, colhia. Ou pastava o gado, e fabricava queijo, azeite, vinho, pão. Lembro-me do cheiro dos lagares, das queijarias, do forno, das forjas – eram cheiros que entravam pelas narinas como tantos outros, mas só esses se infiltravam no sangue e aí ficaram depositados em sucessivas camadas, para sempre, como ficou o aroma da esteva e do feno. E ainda o das folhas secas dos castanheiros, trazidos às carradas e despejados ao lado do balcão – eu já as esperava e precipitadamente atirava-me sobre o montão da folhagem, com restos ainda do verão de S. Martinho; outros corpos caíam, um até sobre o meu, quente, demasiado quente, a boca próxima da minha, um beijo quase; voltávamos a subir os degraus do balcão, e o prazer e os gritos repetiam-se até que minha mãe chamava por mim: anoitecera, o avô já chegara, os tios também, toda a gente, por carreiros e quelhas de sombras, havia já regressado dos campos e o cheiro a coentros não tardaria a subir da panela. Ouvia a voz de minha mãe ralhar com doçura, enquanto me despia e mergulhava na selha.

Um porquinho, era o que eu era, um porquinho sem emenda – no dia seguinte regressaria ao montão de folhas, ou aos montes de feno, ou de palha, no canto da eira, tanto faz porque todos serviam para nos escondermos uns dos outros ou uns com os outros.

Depois da ceia arrumada a cozinha, às vezes a minha mãe sentava-se ao balcão e cantava. Cantava um desses romances de que entendia melhor o ritmo do que as palavras. E não tardava que outras vozes se misturassem com a sua, e não raramente se lhes juntava o som ácido de um realejo, ou do harmónio menos acidulado.

E foram esses ritmos, essas palavras de misterioso significado que me cativaram e passaram aos meus versos, mas isso só o soube mais tarde, depois de percorrer em livros outros caminhos. Porque esta é a poesia que sempre foi a minha: uma voz que no corpo se faz alma para que noutras almas regresse ao corpo. Essa poesia teve origem nestas terras, entre a luz esfarelada e a poeira levantada por cabras e ovelhas, rompeu na boca e no olhar daquela gente, despertou com o calor de outros corpos em enxergas de folhelho ou sobre a palha rala de alguma choça de pastor, quando eu anos mais tarde ali vinha ritualmente passar as férias grandes – grandes, grandes, grandes, porque então nem os dias nem as noites tinham fim. Será preciso dizer que foi também nestas terras que os sentidos despertaram e se abandonaram ao desejo de outro corpo?

Mas não foi só o amor, também a desordem e a morte foi aqui que primeiramente as toquei ou pressenti: às vertentes da poesia e da morte chega-se da mesma maneira. Lembro-me com rigor do nosso primeiro encontro, da primeira vez que nos fitámos nos olhos. Eu devia ter uns cinco anos e andava com a mãe e as tias no lameiro: elas regavam e eu chafurdava nos regos de água entre o milho alto e os feijoeiros pesados. De repente, minha mãe disse-me vem aí o teu pai.

Era impossível que não tivesse já ouvido aquela palavra, mas a mim sempre me pareceu que a escutara então pela primeira vez. Olhei: no caminho que passava rente às nossas terras, ele ia-se aproximando a cavalo, a mãe dele ao lado, na égua; certamente fora esperá-lo à estação, haviam atravessado a Póvoa, e agora ali estavam, cada vez mais próximos, a caminho do «monte do Ribeiro», de que ela era soberana e ele vassalo obediente. Eu estava em cima de um cômodo, na minha frente o senhorito parava o cavalo. Olhava-me sem se apeiar para um beijo ou uma

feita. Também não me mexi, nem disse uma palavra. Por fim ouvi-lhe a voz: – Andas descalço? Foi minha mãe, que não estava longe, sem contudo ter interrompido o trabalho, quem lhe respondeu. – Diz-lhe que te compre umas botas, que tem obrigação disso. – Então, ele meteu a mão no bolso do colete, tirou umas moedas, talvez fossem escassas, pediu ajuda à mulher do lado, que se desculpou de não ter dinheiro consigo, aproximou-se mais, a mão estendida. Recusei virando-lhe as costas. Sem uma palavra, corri para a minha mãe: só ela era meu pai, o homem que vinha de ver pela primeira vez ia recusá-lo a vida inteira. Inteiramente..

Eugénio DE ANDRADE (1998) *Poesia, Terra de Minha Mãe*

Entra para a escola da aldeia natal aos 6 anos. Muito cedo, aos sete anos, deixou a terra natal, acompanhado de sua mãe, Maria dos Anjos, para viver em **Castelo Branco**. Em **1932**, com 9-10 anos, muda-se novamente, agora para **Lisboa**, cidade onde se fixara seu pai, e onde permanece por um período de 11 anos. Conclui, entretanto, a instrução primária. Na capital, passou os anos de adolescência, frequentou o Liceu Passos Manuel e a Escola Técnica Machado de Castro. Era comum vê-lo a deambular pelas bibliotecas públicas, leitor que se tornou, até começar a escrever os primeiros versos. Foi a época em que descobriu a sua vocação poética, o que lhe despertou a curiosidade de conhecer e conviver com alguns escritores e poetas. Mas a Póvoa de Atalaia continuava a ser um lugar de maravilhamento nas férias: *«Os primos, os cavalos em pelo, os banhos na ribeira, as fugas para a sombra escura dos amieiros, o sexo a berrar a sua exigência, o esplendor do verão, que nesse tempo durava, durava... Nos meus poemas, há imagens frementes da maravilha desses dias»*.

Texto 9

Lisboa

Esta névoa sobre a cidade, o rio,
as gaivotas doutros dias, barcos, gente
apressada ou com o tempo todo para perder,
esta névoa onde começa a luz de Lisboa,
rosa e limão sobre o Tejo, esta luz de água,
nada mais quero de degrau em degrau.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da Terra*

Texto 10

Em Lisboa com Cesário Verde

Nesta cidade, onde agora me sinto
mais estrangeiro do que um gato persa;
nesta Lisboa, onde mansos e lisos
os dias passam a ver gaivotas,
e a cor dos jacarandás floridos
se mistura à do Tejo, em flor também;
só o Cesário vem ao meu encontro,
me faz companhia, quando de rua
em rua procuro um rumor distante
de passos ou aves, nem eu já sei bem.

Só ele ajusta a luz feliz dos seus
versos aos olhos ardidos que são
os meus agora; só ele traz a sombra
de um verão muito antigo, com corvetas
lentas ainda no rio, e a música,
sumo do sol a escorrer da boca,
ó minha infância, meu jardim fechado,
ó meu poeta, talvez fosse contigo
que aprendi a pesar sílaba a sílaba
cada palavra, essas que tu levaste
quase sempre, como poucos mais,
à suprema perfeição da língua.

Eugênio DE ANDRADE (2001) *Os sulcos da sede*

Aos 15 anos, enviou-os ao poeta e dramaturgo Antônio Botto, e este quis conhecê-lo. É assim que, um ano depois, com 16-17 anos publica «*Narciso*» (escrito em 1939 com o nome de Jose Fontinhas), o primeiro poema ao estilo de Botto e homossexualmente explícito, uma estreia que depressa achou embaraçosa. O poema seria renegado pelo poeta, pelo que nunca chegou a integrar recolhas posteriores da obra completa. («Desde cedo me encontrei desinteressado de coisas que interessavam à maioria. Na adolescência, tive duas fascinações: a santidade e a poesia. A santidade, adeus, aos catorze anos isso estava arrumado. Ficou a poesia» e, pouco tempo depois, passa a assinar com outro nome: nasce o poeta Eugênio de Andrade.

Texto 11

Narciso

A todos os olhos verdes
— como os meus
Aquele rapaz de olhos verdes,
Que me fita lá do fundo
Do cristal onde me espelho
Parece gostar de mim.
Segue todos os meus gestos
Com aquele olhar profundo
De querer fixar a vida
E os desvaios do mundo.
Tento fugir ao seu olhar,
Mas seus olhos indecisos
Estão presos ao encanto
Dos seus olhos muito belos,
Dos seus cabelos doirados,
E dos seus lábios vermelhos.
O rapaz que vai seguindo
Os meus movimentos brandos
Lá no fundo do cristal,
Tem nos olhos o desejo
De beijar a minha boca,
Num beijo brusco, brutal.
— Ai, meu menino bonito!

Foge aos olhos tentadores,
Não te arrastem ao pecado!...
A boca daquele rapaz
Dos olhos esverdeados,
Tem um sorriso parado.
— Ai, meu menino bonito!
Foge à boca avermelhada
Não te arraste ela ao pecado!...
E o rapaz dos olhos verdes
E de sorriso parado,
Vem mais perto do meu rosto
Muito triste e descorado,
E a falar ingenuamente
Tenta levar-me ao pecado.
Sinto que vou perguntar -lhe
Se são meus os seus desejos,
E se são meus olhos lassos
Que ele anda sempre a fitar.
— Ai, meu menino bonito!
Cala -te..., não digas nada;
Não queiras nunca pecar!...
E o rapaz dos olhos verdes
Não me larga o meu olhar.
Tenho vontade de sorrir,

E também de perguntar
 Se estará apaixonado
 Pelos meus cabelos loiros,
 Pelo meu sorriso duplo,
 Ou por uns olhos ardentes
 Da cor das ondas do mar!
 — Ai, meu menino bonito!
 Ouve bem o que te digo,
 Não queiras nunca pecar!...
 E o rapaz dos olhos verdes
 E do sorriso parado
 Estende os braços... e beija
 A minha boca vermelha
 Que se rendeu ao pecado.
 — Ai, meu menino bonito!
 Fizeste da tua vida
 Um soluço esfrangalhado!...

.....

O menino dos olhos verdes
 — O de sorriso parado,
 Que tem cabelos de ouro
 E levemente ondulados
 Está caído ali no chão
 Ao pé do límpido espelho...
 Tem o rosto descorado,
 A boca fria... gelada,
 Os olhos num choro amargo,
 Choram de arrependimento
 Pela ânsia de beijar...,
 De beijar..., e ser beijado.

 — Ai, meu menino bonito!
 Tens razão..., nós só choramos,
 Depois de termos pecado!...

Lisboa — 1939⁸

Em 1941 faz-se a primeira referência pública à sua poesia na conferência que Joel Serrão, seu amigo, pronunciou na Faculdade de Letras de Lisboa, sobre «*A Nova Humanidade da Poesia Nova*». Um ano depois, em Novembro de 1942, Eugénio lança o seu primeiro livro de poesia: *Adolescente*.

Em 1943, o poeta muda-se novamente acompanhado pela sua mãe para **Coimbra**. Em 1943, matriculou-se no curso de Filosofia mas abandonou a ideia para se dedicar à poesia e à escrita. Em Coimbra permanece até ao final do ano de 1946, altura em que se fixa novamente em Lisboa. Entretanto, em 1944, cumpre o Serviço Militar e, após a recruta, é colocado nos Serviços de Saúde de Lisboa mas, visto que morava em Coimbra, trata rapidamente de transitar para lá. Fazem-se, nesse ano ainda, as primeiras traduções de poemas seus para francês e, em 1945, a Livraria Francesa publica o seu livro *Pureza*. Da sua passagem por Coimbra, recordamos que conheceu e estreitou relações de amizade com Miguel Torga («Temos o mesmo comprimento de onda, e é uma maravilha de sintonização poética», escreveria, no seu Diário, o autor de *Bichos*), Eduardo Lourenço, Carlos de Oliveira e outros intelectuais da época.

Texto 12

Penso em Coimbra e é este rumor que me chega: um amanhecer de pássaros, o coaxar das rãs pela noite fora. Entre uma coisa e outra, os noticiários da BBC, os Quartetos de Beethoven, a comovida e tão desenganada poesia de Oliveira Martins, e as discussões intermináveis, só possíveis quando a juventude é excessiva, e não nos cabe nas mãos um tal ardor.

Eugénio de Andrade (1972) 'Excessivo é Ser Jovem' em *Duas cidades – Antologia sobre o Porto e Coimbra*, Editorial Inova Limitada, p. 47.

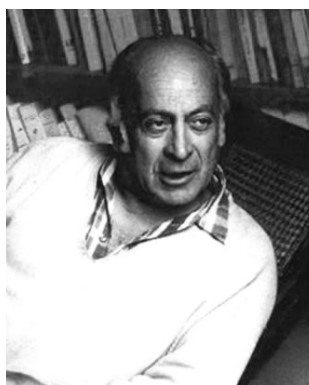
⁸ Retirado de *Eco e Narciso leituras de um mito. Autores e textos da antiguidade seguidos de uma Antologia de Autores Portugueses ou de Língua Portuguesa*, organização de Abel N. Pena, Cotovia Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.



António Thomaz Botto,
(Concavada, Abrantes, 17
de Agosto de 1897 – Ríó
de janeiro, 16 de março de
1959)



**Joaquim Afonso
Fernandes Duarte**
(Ereira, 1 de janeiro de
1884 – Coimbra, 5 de
março de 1958)



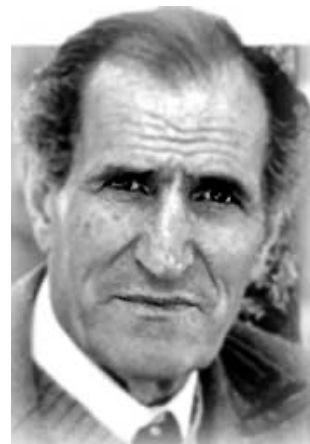
**Joaquim Vitorino
Namorado** (Alter do
Chão, 30 de Junho de
1914 - Coimbra, 29 de
Dezembro de 1986)

A topografia poética de Eugénio de Andrade não é apenas marcada por uma memória profundamente ligada à ancestralidade da sua origem: na sua poesia ocorre também uma «escrita da terra», uma geografia que condiciona a sua criação literária e evoca lugares, toponímicos ou não, desde os da Beira Baixa ou do Alto Alentejo aos visitados no estrangeiro, incluindo os da antiguidade clássica, desde os nomeados mais abstractamente ou por referência a pontos cardinais aos passos evocativos de cidades que habitou (Lisboa, Coimbra, Porto e Foz do Douro...) ou lugares onde teve as suas epifanias amorosas ou estéticas⁹.

A iniciação poética do autor, como vimos, coloca-se fora da esfera da cultura dita cultivada: «farto de tanto discurso onde o espírito assomava», o seu mundo «não era o das letras», mas um universo rural de figuras, experiências e lugares da infância: «os dos pássaros e do vento, os das águas e dos amieiros. Essa era a 'poesia' que me chegava».

Todavia, a aprendizagem do ofício continua, passando a ter lugar em espaços fechados: o da sua adolescência em Lisboa, na biblioteca dum vizinho, e também, por tardes inteiras e sucessivas, na «Biblioteca Nacional a copiar em cadernos escolares» versos de Pessoa; de assinalar, nessa época, a amizade do ainda adolescente com António Botto, antes da partida para Coimbra, onde virá a conhecer **Afonso Duarte, Miguel Torga, Carlos de Oliveira, Eduardo Lourenço, Joaquim Namorado**.

Eugénio de Andrade não recebeu formação superior, especificamente literária ou outra. Mas começou, ainda muito jovem, a frequentar, como «diletante de grande classe», a mais ilustre tradição poética portuguesa. Leu, desde cedo, os grandes nomes da poesia europeia. Sem contar os de língua inglesa, que adiante serão referidos, leu Novalis, Hoelderlin, Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, António Machado, Ungaretti, Paul Éluard, René Char, Rilke, Kafka, Lorca e, entre os orientais, Bashô e Lao Tsé, Shakespeare e Kavafis, Shelley (...). Não devemos minimizar as influências de **Cecília Meireles** e da poesia brasileira, que por volta dos anos 40 era muito lida em Portuga. Eugénio de Andrade teve também contactos pessoais importantes com outros nomes da literatura francesa



**Adolfo Correia da Rocha,
Miguel Torga** (São
Martinho de Anta,
Sabrosa, 12 de agosto de
1907 – Santo António dos
Olivais, Coimbra, 17 de
janeiro de 1995)



**Carlos Alberto Serra de
Oliveira** (Belém, 10 de
agosto de 1921 – Lisboa, 1
de julho de 1981)



**Eduardo Lourenço de
Faria** (Almeida, São Pedro
de Rio Seco, 23 de maio de
1923 - Lisboa, 1 de
dezembro de 2020)

⁹ Maria BOCHICCHIO (2023) *Escrever o corpo. Uma leitura da poesia de Eugénio de Andrade*, Editora Exclamação, pg. 32.



Cecília Meireles ou **Cecília Benevides de Carvalho Meireles** (Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1901 — Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1964)



Adolfo Vítor Casais Monteiro (Porto, Massarelos, 4 de Julho de 1908 – São Paulo, Perdizes, 24 de Julho de 1972)

Marguerite Yourcenar, Guillevic, Alain Bosquet, e da espanhola (Vicente Aleixandre). Foi um bom conhecedor do património poético e filosófico das literaturas clássicas e senhor de uma grande cultura literária e artística¹⁰.

Eugénio de Andrade surge num contexto cultural e literário de profunda crise do Modernismo e de fundas tensões entre o presencismo e o neorealismo. A sua fixação em Coimbra permite-lhe privar com autores como o **Torga** e o **Carlos de Oliveira**, que já então se definiam por uma relação com o Inundo que não era nem romântica, nem simbolista, nem saudosista, nem presencista, e por uma busca da justeza poética, da contenção e do rigor, ao serviço de um novo sentido de ligação à terra e à natureza. (...) A voz destes poetas, sem que eles reneguem um conjunto de aspectos ligados à tradição formal, faz-se ouvir como inovadora dentro do quadro de preocupações distintas de cada um. A eles se contrapõe a lírica formalmente mais áspera, mais empenhadamente angustiada e mais «vanguardista» no seu versilibrismo, de **Adolfo Casais Monteiro**, e a eles virá a juntar-se, na década de 1940, **Sophia de Mello Breyner Andresen**, cuja voz é inicialmente modelada por certa influência de Pascoaes e pela leitura de Rainer Marie Rilke, a que virão a agregar-se uma grande fascinação pela cultura grega clássica, um sentido pagão de religação a presenças, a paisagens e a forças elementares, e uma busca do equilíbrio na identificação com um mundo em que Mediterrâneo e Atlântico virão a combinar-se. É neste quadro de tensões, realizações literárias, e também de deslumbramentos, que Eugénio de Andrade publica *As Mãos e os Frutos* em 1948 (...). A partir desses anos,

Eugénio de Andrade, atravessa a segunda metade do século XX, fiel ao seu propósito inicial da busca de uma inalcançável perfeição, sem perder de vista a evolução das poéticas do seu tempo. E assim, conseguindo manter a plena autonomia da sua própria produção lírica, foi sensível ao influxo das mais importantes tendências literárias que caracterizam o século passado a partir do simbolismo e da sua vibração musical em Camilo Pessanha, estando também em certa sintonia com o neo-barroco da poesia espanhola, em particular da geração de 27, e ligando-se ainda a temas e motivos sacados do depósito das culturas clássicas e da lírica medieval, cujos ecos são frequentes ao longo da sua obra¹¹.



Sophia de Mello Breyner Andresen (Porto, 6 de novembro de 1919 – Lisboa, 2 de Julho de 2004)



Camilo de Almeida Pessanha (Coimbra, 7 de setembro de 1867 – Macau, 1 de março de 1926)

¹⁰ Maria BOCHICCHIO (2023) *Escrever o corpo. Uma leitura da poesia de Eugénio de Andrade*, Editora Exclamação, pg. 37-38.

¹¹ Maria BOCHICCHIO (2023) *Escrever o corpo. Uma leitura da poesia de Eugénio de Andrade*, Editora Exclamação, pg. 21-23.

Menos saliente na obra, mas igualmente importante nalguns passos dela, é o conjunto de aspectos que se prendem com uma preocupação social ou o exercício de um ofício da cidadania. Neste sentido, a *polis*, a cidade dos homens, é também um lugar em que Eugénio de Andrade fala do outro num registo menos habitual, ou, pelo menos, mais especificamente orientado para figuras a que atribuiu um comportamento cívico ou político de relevo. Será o caso de vários dos textos que compõe a secção *Homenagens e outros epitáfios* da sua poesia reunida e em cujos títulos figuram os nomes de Che Guevara, José Dias Coelho¹², Pier Paolo Pasolini¹³, Chico Mendes¹⁴, Vasco Gonçalves¹⁵, havendo mesmo um poema «A Miguel, no seu 4º aniversário contra o nuclear»¹⁶.

Texto 13

Elegía das Aguas Negras para Che Guevara

Atado ao silêncio, o coração ainda
pesado de amor, jazes de perfil,
escutando, por assim dizer, as águas
negras da nossa aflição.
Pálidas vozes procuram-te na bruma;
de prado em prado procuram
um potro mais livre, a palmeira mais alta
sobre o lago, um barco talvez
ou o mel entornado da nossa alegria.

¹² **José Dias Coelho** foi um artista plástico, militante e dirigente do Partido Comunista Português. Foi assassinado pela PIDE na Rua da Creche, que hoje tem o seu nome, junto ao *Largo do Calvário*, em *Lisboa*. O assassinato levou o cantor *Zeca Afonso* a escrever e dedicar-lhe a música *A Morte Saiu à Rua*. O mesmo fez o grupo *Trovante* com a música *Flor da Vida*.

¹³ **Pier Paolo Pasolini** foi um cineasta, poeta e escritor italiano. Na madrugada do 2 de novembro de 1975 foi brutalmente assassinado, em local próximo ao hidro-aeródromo de Óstia, um bairro periférico de Roma.

¹⁴ **Francisco Alves Mendes Filho**, mais conhecido como **Chico Mendes**. Foi um seringueiro, sindicalista, ativista político brasileiro. Lutou a favor dos seringueiros da Bacia Amazônica, cuja subsistência dependia da preservação da floresta e das seringueiras nativas. Seu ativismo lhe trouxe reconhecimento internacional, ao mesmo tempo em que provocou a ira dos grandes fazendeiros locais que o assassinaram. Em 22 de dezembro de 1988, exatamente uma semana após completar 44 anos, Chico Mendes foi assassinado com tiros de escopeta no peito na porta dos fundos de sua casa, quando saía para tomar banho, disparados por Darci Alves, o qual cumpria ordens de seu pai, Darly Alves, grileiro de terras da região. Quatro dias antes da morte do ativista, o *Jornal do Brasil* se recusou a publicar uma entrevista na qual Chico Mendes denunciava as ameaças de morte que havia recebido.

¹⁵ **Vasco dos Santos Gonçalves** foi militar e político chegou a ser o primeiro-ministro de Portugal. Durante este período, denominado "gonçálvismo" ou *Processo Revolucionário em Curso* (PREC), bastante conturbado, foi acusado de proximidade ao Partido Comunista. Durante o seu governo foram implementadas medidas consideradas bastante controversas, como a nacionalização da banca, seguros e centenas de outras empresas bem como a radicalização da reforma agrária, com a ocupação de milhares de hectares, principalmente no Alentejo. Foi também durante os seus governos que foram feitas a descolonização de Angola, Moçambique, Guiné, S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Os seus governos, no entanto sofreram enorme contestação, quer à esquerda, quer à direita, o que veio resultar na sua demissão, em setembro de 1975.

¹⁶ Maria BOCHICCHIO (2023) *Escrever o corpo. Uma leitura da poesia de Eugénio de Andrade*, Editora Exclamação, pg. 44.

Olhos apertados pelo medo
 aguardam na noite o sol do meio-dia,
 a face viva do sol onde cresces,
 onde te confundes com os ramos
 de sangue do verão ou o rumor
 dos pés brancos da chuva nas areias.
 A palavra, como tu dizias, chega
 húmida dos bosques: temos que semeá-la;
 chega húmida da terra: temos que defendê-la;
 chega com as andorinhas
 que a beberam sílaba a sílaba na tua boca.
 Cada palavra tua é um homem de pé,
 cada palavra tua faz do orvalho uma faca,
 faz do ódio um vinho inocente
 para bebermos, contigo
 no coração, em redor do fogo.



Ernesto Guevara de la Serna, Che Guevara

(Rosário, 14 de junho de 1928 – La Higuera, 9 de outubro de 1967)

Texto 14

Discurso Tardio à Memória de José Dias Coelho

Éramos jovens: falávamos do âmbar
 ou dos minúsculos veios de sol espesso
 onde começa o vero; e sabíamos
 como a música sobe às torres do trigo.

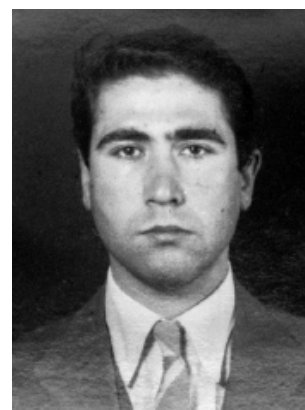
Sem vocação para a morte, víamos passar os barcos,
 desatando um a um os nós do silêncio.
 Pegavas num fruto: eis o espaço ardente
 de ventre, espaço denso, redondo maduro,

dizias; espaço diurno onde o rumor
 do sangue é um rumor de ave –
 repara como voa, e poisa nos ombros
 da Catarina que não cessam de matar.

Sem vocação para a morte, dizíamos. Também
 ela, também ela a não tinha. Na planície
 branca era uma fonte: em si trazia
 um coração inclinado para a semente do fogo.

Morre-se de ter uns olhos de cristal,
 morre-se de ter um corpo, quando subitamente
 uma bala descobre a juventude
 da nossa carne acesa até aos lábios.

Catarina, ou José – o que é um nome?
 Que nome nos impede de morrer,
 quando se beija a terra devagar
 ou uma criança trazida pela brisa?

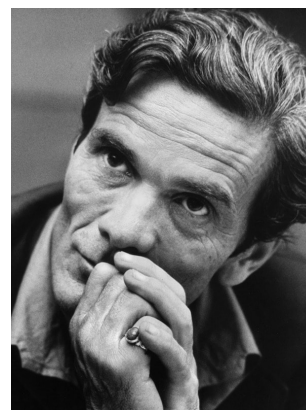


José Dias Coelho (Pinhel, 19 de junho de 1923 – Lisboa, 19 de dezembro de 1961)

Texto 15

Requiem para Pier Paolo Pasolini

Eu pouco sei de ti mas este crime
torna a morte ainda mais insuportável.
Era novembro, devia fazer frio, mas tu
já nem o ar sentias, o próprio sexo
que sempre fora fonte agora apunhalado.
Um poeta, mesmo solar como tu, na terra
é pouca coisa; uma navalha, o rumor
de abril podem matá-lo — amanhece,
os primeiros autocarros já passaram,
as fábricas abrem os portões. os jornais
anunciam greves, repressão, dois mortos na primeira
página, o sangue apodrece ou brilhará
ao sol, se o sol vier, no meio das ervas.
O assassino esse seguirá dia após dia
a insultar o amargo coração da vida,
no tribunal insinuará que respondera apenas
a uma agressão (moral) com outra agressão,
como se alguém ignorasse, excepto claro
os meritíssimos juizes, que as putas desta espécie
confundem moral com o próprio cu.
O roubo chega e sobra excelentíssimos senhores
como móbil de um crime que os fascistas,
e não só os de Saló, não se importariam de assinar.
Seja qual for a razão. e muitas há
que o Capital a Igreja e a Polícia
de mãos dadas estão sempre prontos a justificar,
Pier Paolo Pasolini está morto.
A farsa a nojenta farsa essa continua.

**Pier Paolo Pasolini**

(Bolonha, 5 de março de
1922 – Óstia, 2 de
novembro de 1975)

Texto 16

Em memória de Chico Mendes

Chegam notícias do Brasil, o Chico
Mendes foi assassinado, a morte
enrola-se agora nos primeiros frios,
nem sequer a tristeza tem sentido,
a bola continua em órbita, um dia
estoira, o universo ficará mais limpo.

**Francisco Alves Mendes
Filho, Chico Mendes**

(Xapuri, 15 de dezembro
de 1944 — Xapuri, 22 de
dezembro de 1988)

Texto 17

O Comum da Terra a Vasco Gonçalves

Nesses dias era sílaba a sílaba que chegavas.
Quem conheça o sul e a sua transparência
também sabe que no verão pelas veredas
da cal a crispação da sombra caminha devagar.
De tanta palavra que disseste algumas
se perdiam, outras duram ainda, são lume
breve arado ceia de pobre roupa remendada.
Habitavas a terra, o comum da terra, e a paixão
era morada e instrumento de alegria.
Esse eras tu: inclinação da água. Na margem
vento areias lábios, tudo ardia.



Vasco dos Santos Gonçalves (Lisboa, 3 de maio de 1921 – Almancil, 11 de junho de 2005)

Texto 18

Ao Miguel, no seu 4º Aniversário, e contra o nuclear, naturalmente

Vais crescendo, meu filho, com a difícil
luz do mundo. Não foi um paraíso,
que não é medida humana, o que para ti
sonhei. Só quis que a terra fosse limpa,
nela pudesses respirar desperto
e aprender que todo homem, todo,
tem direito a sê-lo inteiramente
até ao fim. Terra de sol maduro,
redonda terra de cavalos e maçãs,
terra generosa, agora atormentada
no próprio coração; terra onde teu pai
e tua mãe amaram para que fosses
o pulsar da vida, tornada inferno
vivo onde nos vão encurralando
o medo, a ambição, a estupidez,
se não for demência apenas a razão;
terra inocente, terra atraçoada,
em que nem sequer é já possível
pousar num rio os olhos de alegria,
e partilhar o pão, ou a palavra;
terra onde o ódio a tanta e tão vil
besta fardada é tudo o que nos resta;
abutres e chacais que do saber fizeram
comércio tão contrário à natureza
que só crimes e crimes e crimes pariam.
Que faremos nós, filho, para que a vida
seja mais que a cegueira e cobardia?

Ponto 1 – Fundação Eugénio de Andrade, Calçada de Serrúbia, nº 12

Em 1991 um grupo de amigos decide criar a Fundação Eugénio de Andrade na foz, inaugurada em 1993 e aberta ao público em 1995. Em 1994 Eugénio fixa residência na sede da fundação com o seu nome. Nela faleceu entre as 3h30 e as 4h da manhã do 13 de Junho de 2005, após uma doença neurológica prolongada.

Estava doente desde 2002. Tinha *«uma degenerescência muscular que lhe foi afectando o corpo todo»* e obrigou a vários internamentos no Hospital de Santo António, por períodos que Eugénio insistia sempre em reduzir, recorda Arnaldo Saraiva: *«Achava que era em casa que devia estar. Deixou de poder ler e escrever mas a mãe de Miguel Moura, afilhado de Eugénio, lia para ele em voz alta. (...) E pedia músicas, às vezes coisas tão simples como ligarmos a Antena 2. (...) Não tinha forças para pegar numa caneta há ano e meio, mas às vezes ditava versos à minha mãe.»*

«Morreu durante o sono, encontrámo-lo de olhos fechados com uma expressão serena, sem sofrimento», contou ao *Público* Miguel Moura, afilhado de Eugénio, referindo como causa imediata da morte uma paragem cárdio-respiratória. (...) foi trasladado para a **Cooperativa Árvore** (Rua Azevedo de Albuquerque, nº 1), onde ficou em câmara ardente.

O funeral realiza-se às 16h30, no cemitério do Prado do Repouso, *«sem pompa nenhuma, nem verbal»*, diz Arnaldo Saraiva, presidente da Fundação Eugénio de Andrade. *«Será o mais simples possível, como ele gostaria. Quem vier prestar a última homenagem pode trazer flores, ler um poema, se quiser, nada mais. (...) Aos próximos, pediu para ser enterrado de pijama e sapatos de quarto. (...)»*

A Fundação Eugénio de Andrade, extinta em 2011, teve como principais objetivos o estudo e a divulgação da obra do autor, assim como a organização de diversos eventos como, por exemplo, lançamentos de livros, recitais e encontros de poesia.



Texto 19

Pela manhã de junho é que eu iria
pela última vez.
Iria sem saber onde a estrada leva

E a sede.

Eugénio DE ANDRADE (1980) *Matéria Solar*

Texto 20

Mar de setembro

Tudo era claro:
céu, lábios, areias.
O mar estava perto,
freme de espumas.
Corpos ou ondas:
iam, vinham, iam,
dóceis, leves -- só
ritmo e brancura.
Felizes, cantam;
serenos, dormem;
despertos, amam,
exaltam o silêncio.
Tudo era claro,
jovem, alado.
O mar estava perto.
Puríssimo. Doirado.

Eugénio DE ANDRADE (1961) *Mar de Setembro,*

Texto 21

Quase epitáfio

O outro sabia.
Tinha uma certeza.
Sou eterno, dizia.

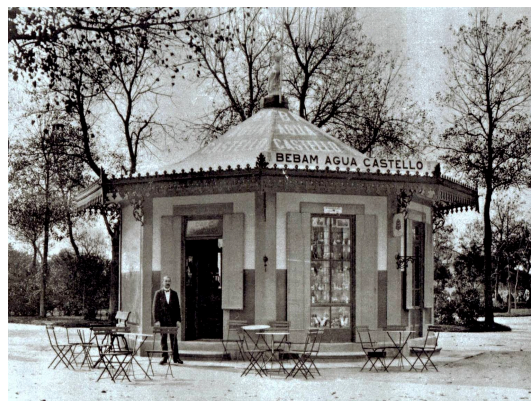
Eu não tenho nada.
Amei o desejo
com o corpo todo.

Ah, tapai-me depressa.
A terra me basta.
Ou o lodo.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da Terra e Outros Epitáfios*

Ponto 2 – Jardim do Passeio Alegre, Cantareira

A decisão de se construir o jardim do Passeio Alegre foi tomada em reunião da Câmara do Porto de 12 de Junho de 1860, ou seja, vinte e quatro anos depois (1836) da freguesia de S. João da Foz do Douro ter sido integrada no concelho do Porto. Até aí, o que havia no espaço hoje ocupado pelo belíssimo jardim era uma Alameda (...). Antes da Alameda, o que havia, naquele mesmo espaço, era um longo areal, uma praia *«coalhada de varais de madeira onde os pescadores estendiam as suas redes...»* Chamava-se a esse sítio a **Cantareira...** (Germano Silva)



Chalé Suíço, c.1910.

Este jardim público com carácter essencialmente romântico corresponde a um dos mais singulares espaços verdes da cidade do Porto, conta com cerca de 41 000m. O jardim foi construído nos finais do século XIX –pelo arquiteto paisagista Emílio David o arquiteto-paisagista responsável por vários outros jardins na cidade, o mais conhecido os Jardins do Palácio de Cristal– com variados jardins e a plantação de diferentes árvores que ganham novas cores em cada estação do ano.

De um lado tem a Alameda de Palmeiras das Canárias classificadas de interesse público e, do outro lado, portentosas árvores que dão a sombra devida nos dias quentes de verão onde destacam o Pinheiro de Norfolk e os metrosideros. No outono é uma beleza assistir-se às folhas a caírem das árvores, com diferentes tonalidades.

Desenvolve-se geometricamente ao longo de um eixo central, pontuado por diversas obras como por exemplo:

- o chafariz em granito, a ponte, que veio do antigo Convento de S. Francisco;
- dois obeliscos, que marcam uma das entradas do jardim, da autoria de Nicolau Nasoni, oriundos da Quinta da Prelada, por onde entraram na cidade as tropas comandadas por D. Pedro IV, em 1832;
- um campo de minigolfe, para miúdos e graúdos se divertirem;
- e um coreto usado em muitos dos eventos que se realizam neste jardim.
- os sanitários públicos –o edifício amarelo– construídos no ano de 1910, decorados com azulejos Arte Nova, e mantêm ainda parte das originais loiças inglesas;
- o Chalé «Suisso», construído em 1874, Monumento Nacional, ostenta no topo do telhado a escultura do Carneiro, bem pintado de branco. Era local de tertúlias literárias onde marcaram presença Camilo Castelo Branco, Arnaldo Gama, Ramalho Ortigão, Alberto Pimentel e outros.

Texto 22

...no jardim do Passeio Alegre...

Chegaram tarde à minha vida
as palmeiras. Em Marraquexe vi uma
que Ulisses teria comparado
a Nausica, mas só
no jardim do Passeio Alegre
comecei a amá-las. São altas
como os marinheiros de Homero.
Diante do mar desafiam os ventos
vindos do norte e do sul,
do leste e do oeste,
para as dobrar pela cintura.
Invulneráveis - assim nuas.

Eugénio DE ANDRADE (1992) *Rente ao Dizer*

Texto 23

Jardim de Marbella

com as últimas águas partem as árvores
um sorriso é então todo o jardim.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da Terra e outros epitáfios*

— Cantareira



Cantareira é uma antiga zona portuária da cidade do Porto, localizada na freguesia de Foz do Douro. Encontra-se aqui o Estaleiro do Ouro local de construção e reparação de embarcações de madeira. La se localiza o **Farol de São Miguel-O-Anjo**¹⁷, também conhecido por **Torre, Capela ou Ermida de São Miguel-O-Anjo**, é o primeiro edifício puramente renascentista datado em Portugal e um dos mais antigos da Europa.

Texto 24

Fiquei então por cá dois ou três dias. O Ernesto mostrou-me o mar da Foz, a Cantareira, o «cabedelo de oiro», que Raul Brandão diz ter conservado sempre na retina; com a Sophia passei uma tarde nos jardins abandonados da Quinta do Campo Alegre, eu próprio abandonado ao som da sua voz que se misturava com o jorrar das águas e o cheiro resinoso e marítimo dos pinheiros (...)

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, F. Eugénio de Andrade, pg. 12.

¹⁷ Em 1527, foi mandado construir, conforme reza uma inscrição latina na parede voltada para o rio, que traduzida diz: «Miguel da Silva, bispo eleito de Viseu, mandou construir esta torre para dirigir a navegação, ele mesmo deu e consignou campos comprados com o seu dinheiro, com o rendimento dos quais foram acesos fogos de noite perpetuamente na torre, no ano de 1527». Em 1841 foi construído um edifício anexo à Capela-Farol, para aí instalar um posto da Guarda-Fiscal. Em 1852 foi edificada uma torre anexa, com 3 pisos, onde foi instalada uma estação telegráfica.

Texto 25

Eu nunca falei do Passeio Alegre, mas namoro com o Cabedelo há muito anos. É uma língua de areia, acariciada pelas ondas. O ar já não será como no tempo de Raul Brandão, mas a luz ainda estremece com o movimento e os reflexos da água. O jardim, além das palmeiras de aço fino, que resistem, resistem ao vento do mar, tem uns plátanos airoso, algumas araucárias que se devem sentir muito sós, pois vieram de longe e não têm com quem fazer amizade, e duas ou três magnólias que nunca passam despercebidas. E vou esquecer os obeliscos trazidos da Quinta da Prelada (entre os quais passaram «os bravos do Mindelo», com D. Pedro IV à frente); e o Chalet Suíço, onde se pode tomar um café ao ar livre; e os pescadores do paredão, cuja arte de paciência me lembra os miniaturistas persas, sonhando com fanecas ou enguias ou robalos; vou esquecer-me disso, porque o bonito é o repuxo, sobretudo quando o sol se mistura com as suas águas, e tudo é poeira de luz, como o Cabedelo, que volto a contemplar. Esta é a luz que gostaria de levar nos olhos quando morrer — a luz do mar da Foz, atravessada por duas ou três gaivotas.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, F. Eugénio de Andrade, pg. 67.



Raul Germano Brandão
(Porto, Foz do Douro, 12 de março de 1867 — Lisboa, Lapa, 5 de dezembro de 1930)

— Raul Brandão

A pouco mais de 200 metros da Cantareira, paralela ao Passeio Alegre, na **rua Raul Brandão número 62** (então Rua da Bela Vista), lê-se «*Nesta casa nasceu em 12 de Março de 1867 o glorioso escritor Raul Brandão cuja obra é das mais belas da literatura de Portugal*».

Texto 26

Esta Foz de há cinquenta anos, adormecida e doirada, a Cantareira, no Alto o Monte, depois o farol e sempre ao largo o mar diáfano ou colérico, foi o quadro da minha vida. (...) O que sei de belo, de grande ou de útil aprendi-o nesse tempo: o que sei das árvores, da ternura, da dor e do assombro, tudo me vem desse tempo... Depois, não aprendi coisa que valha.

Raul BRANDÃO (1919) *Memórias*.

Joaquim Pinto da Silva, no livro *Cantareira, 61*¹⁸, defende que a casa de Raul Brandão na Foz do Douro, a partir da qual o escritor observava essa velha Foz piscatória que tão amorosamente descreve n' *Os Pescadores* (1923) e em muitas outras páginas avulsas, não é aquela onde terá nascido, na então Rua da Bela Vista, junto à Igreja Matriz, mas uma outra, em plena frente ribeirinha, que circunstâncias ainda mal esclarecidas votaram ao esquecimento.

«Sento-me nos degraus da minha velha casa e sei a vida toda desta gente. Ali defronte são os tanques, onde vinte, trinta mulheres de saias arregaçadas lavam a

¹⁸ A casa que dá título ao livro, *Cantareira, 61* corresponde hoje ao n.º 254 da Rua do Passeio Alegre. Luís Miguel Queirós (2018) «O enigma da casa de Raul Brandão», *Publico*, 11 de março de 2018: <https://www.publico.pt/2018/03/11/culturaipsilon/noticia/o-enigma-da-casa-de-raul-brandao-1806114>

roupa suja. Gritos, rixas, alarido. Um momento de silêncio e ouve-se o bater compassado da maré que vai, vem e lhes molha as pernas nuas.» Da casa da Bela Vista, junto à igreja, Brandão não teria podido ver tanques nenhuns junto ao rio, mas este lavadouro ainda hoje existe, e embora o tenham posteriormente mudado de sítio, postais antigos que Pinto da Silva reproduz no seu livro mostram que no início do século XX estava localizado em frente à conhecida fonte da Cantareira. Ora, noutro passo, Brandão acrescenta: «*Pegada à minha casa fica a do Moutinho (...). E do outro lado a fonte de granito (...).*».

Texto 27

Almocei no Cerco do Porto e como o dia estava bonito peguei no Miguel e fomos até à Foz. O miúdo nunca andara de eléctrico, além disso eu queria mostrar-lhe a casa onde nascera Raul Brandão e a Praia dos Ingleses, antes que as ondas a levassem. O Gil deixou-nos no Infante e viria esperar-nos lá para o fim da tarde. Como se no outono o mar já não merecesse o olhar de ninguém, o eléctrico ia quase vazio. Apontei ao Miguel o casario cigano de Miragaiá, os estaleiros sonolentos de Massarelos, a Cantareira reduzida a um estendal de roupa ao sol, as gaivotas do Cabedelo, tão próximas e conviventes que terminaram por entrar num poema meu.

Descemos no Passeio Alegre, ali estava ainda a loja do Augusto onde se vendia, de fabrico caseiro, a mais perfumada compota de framboesas; aqui, a rua onde cresceu o Raul Brandão, a casa onde nasceu, na qual não poderá já escutar-se o murmúrio da bica de água ou ver o pessegueiro bravo florir encostado ao muro do quintal; por estes degraus sobe-se ao adro da igreja matriz, donde já se não avista o mundo, porque o mundo cresceu desmesuradamente, mas onde se podem contemplar uns plátanos formosíssimos, agora carregados de oiro velho; por mas estreitas e vielas, que se encontram ainda a «cem légua do Porto e da vida», chega-se por fim, mesmo indo devagarinho, à Confeitaria da Foz, com o Miguel a aguentar-se bem nas pernas, apesar dos seus escassos seis anos.

A confeitaria, onde eu e o Pascoaes tomávamos café, não mudara só de nome, mudara também de aspecto, embora conservasse ao fundo algumas mesas junto às vidraças, por onde entrava o mar. Depois de nos sentarmos, comecei a falar do velho poeta ao Miguel. Não me parece que esteja muito atento.

- Ó papi, qual é o maior, o Pascoaes ou o Fernando Pessoa?
 - Isso é uma pergunta que tem pouco sentido, Miguel. Um poeta, quando é grande, é sempre o maior para quem faz sua a poesia dele.
 - Mas qual achas que é o maior?
 - Bem, eu gosto mais do Pessoa. Não vale a pena dizer-te porquê, não saberia dizê-lo com palavras que tu entendesses.
- O empregado serviu o café, o sumol. Observo o pequeno enchendo escrupulosamente o copo.
- Ó papi, tu gostavas que eu fosse como o Fernando Pessoa?
 - Não, filho; o que eu gostava era que fosses feliz.
 - Mas é que, se eu fosse como o Fernando Pessoa, não era feliz.
 - Ah, sobre isso não tenho dúvidas; ele também o não era, nem creio que estivesse preocupado com isso.
- Calou-se; mas a pausa foi breve.

— Tu sabes como é que eu era feliz?
 — Não, não faço ideia.
 Fez outra pausa, mais breve.
 — Era feliz, se fosse como o Gomes.
 Não respondi. Foi ele que insistiu:
 — Sabes quem é o Gomes?
 Fingi uma ignorância maior do que na realidade tinha:
 — Deve ser...
 — Tu não sabes nada, papi! É o Bota de Ouro! Sa-bes o que é o Bota de Ouro?
 Não me deu tempo de dizer sim ou não:
 — É o que mete mais golos.
 — Está bem, Miguel, vamos ver o mar; deixa lá o Gomes e o Pessoa. O que importa é que venhas a ser tu próprio, não há outra maneira de se ser feliz.
 Peguei-lhe na mãozita, que se abandonou, confiante. Descemos à praia, soltou-se, correu pela areia. O mar era uma porção de brilhos, habitado, como estava, somente pela luz.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, F. Eugénio de Andrade , pg. 39-41.



António Pereira Nobre,
 (Porto o 16 de agosto de
 1867 - Foz do Douro o 18 de
 marzo de 1900)

— António Nobre

António Pereira Nobre, máis coñecido como **António Nobre**, nasceu no Porto o 16 de agosto de 1867 nunha familia con recursos que residía na Rúa de Santa Catarina, 467-469 e finado o 18 de marzo de 1900 na casa de seu irmão Augusto Nobre, biólogo e professor da Universidade do Porto na Foz do Douro, na Avenida Brasil n.º 523, con só 32 anos de idade, tras unha prolongada loita contra a tuberculose pulmonar. Foi un poeta cuxa obra se insere nas correntes ultra-romántica, simbolista, decadentista e saudosista da xeración finisecular do século XIX portugués.

A súa principal obra, *Só* (París, 1892) constitúe un dos marcos da poesía portuguesa do século XIX. Esta obra sería, aínda en vida, reeditada en Lisboa, con variantes, lanzando definitivamente o poeta no medio cultural portugués. Aparecida nun período en que o simbolismo era a corrente dominante na poesía portuguesa coeva, *Só* diferénciase dos canons dominantes desta corrente, o que poderá explicar as críticas pouco lisonxeiras con que a obra foi inicialmente recibida en Portugal. A pesar dese acollemento, a obra

de António Nobre tivo como mérito de influenciar decisivamente o modernismo portugués e tornar a escrita simbolista máis coloquial e leve.

Texto 28

Mais do que o sarcasmo de Camilo, que disfarçava, ao fim e ao cabo, uma ternura por esta gente metida nos seus «tamancos estóicos» (se assim não fora, como explicar que lhe tenha mordido e remordido o coração?), surpreende o desprezo de António Nobre, nascido na Rua de Santa Catarina, educado em colégios da Rua Formosa e da Rua de Cedofeita, que guardará o seu amor para os subúrbios da cidade. O dandy das praias de Leça tinha a sua opinião formada, e a sua opinião era a de Eça de Queirós, como comunicará de Paris a Alberto de Oliveira: «Jesus! Que

terra! Verdadeiramente inabitável!» Pobre moço, coitado! Não tardaria em saber que não só o Porto, mas todo o planeta, é inabitável. E acabará – oh, má sina do poeta! – os seus dias na Foz a murmurar: «Que lindo que isto é!» Que descanse em paz. Ámen.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, F. Eugénio de Andrade, pg. 14.

Texto 29

Quando Chegar a Hora

Quando eu, feliz! morrer, oiça, Sr. Abbade,
Oíça isto que lhe peço:
Mande-me abrir, alli, uma cova á vontade,
Olhe: eu mesmo lh'a meço...

O coveiro é podão, fal-as sempre tão baixas...
O cão pode lá ir:
Diga ao moço, que tem a pratica das sachas,
Que m'a venha elle abrir.

E o sineiro que, em vez de dobrar a finados,
Que toque a Alléluia!
Não me diga orações, que eu não tenho peccados:
A minha alma é dia!

Será meu confessor o vento, e a luz do raio
A minha Extrema-Uncção!
E as carvalhas (chorae o poeta, encommendae-o!)
De padres farão.

Mas as aguias, um dia, em bando como astros,
Virão devagarinho,
E hão-de exumar-me o corpo e leval-o-ão de rastros,
Em tiras, para o ninho!

E ha-de ser um deboche, um pagode, o demonio,
N'aquelle dia, ai!
Aguias! sugae o sangue a vosso filho Antonio,
Sugae! sugae! sugae!

Raro têm de comer. A pobreza consome
As aguias, coitadinhas!
Ao menos, n'esse dia, eu matarei a fome
A essas desgraçadinhas...

De que serve, Sr. Abbade! o nosso pacto:
Não me lembrei, não vi
Que tinha feito com as aguias um contrato,
No dia em que nasci.

António NOBRE, (1892) *Só*

Ponto 3 – O jacarandá do Largo do Viriato



Jacarandá do Largo do Viriato numa manhã de Verão de 2003.

Eugénio tinha um caso de amor com esta árvore, no mês de Maio vestida de flor purpurina. Dorido, em agonia no hospital, Eugénio via da janela as folhas da árvore, os poemas de amor. Ao contrário, por exemplo, de Lisboa, não existem muitos jacarandás na cidade do Porto. Existia o do Largo do Viriato com a rua da Bandeirinha, sítio de solidão nas costas do Hospital de Santo António, mas que foi cortado há poucos anos.

Texto 30

O Aires levou-me de corrida a ver, não o coração de D. Pedro, como sugeria o motorista do táxi, mas o negrilho da Cordoaria, as tílias do Palácio, as magnólias de S. Lázaro, o jacarandá e o cedro glauco do Largo de Viriato; ao Eduardo fiquei a dever o Pousão do Palácio dos Carrancas e a Torre dos Clérigos com versos de Pascoaes à mistura.

Eugénio DE ANDRADE (1968) *Daqui houve nome Portugal*.

Texto 31

Aos jacarandás de Lisboa

São eles que anunciam o verão.
Não sei doutra glória, doutro
paraíso: à sua entrada os jacarandás
estão em flor, um de cada lado.
E um sorriso, tranquila morada,
à minha espera.
O espaço a toda a roda
multiplica os seus espelhos, abre
varandas para o mar.
É como nos sonhos mais pueris:
posso voar quase rente
às nuvens altas — irmão dos pássaros —,
perder-me no ar.

Eugénio DE ANDRADE (2001) *Os sulcos da sede*.

Texto 32

Os jacarandás

Em meados de Junho os jacarandás de Lisboa estão em flor, a sua luz fende a pupila, acaricia o dorso da sombra. É então que — sei lá se pela última vez — a inocência volta a entrar na minha vida. Olhos, mãos, alma, tudo é novo — recomeço a prodigalizar alegria, uma alegria que não procura palavras porque o seu reino não é o da expressão. Digamos que esta nova experiência, a que não quero dar nome, não se preocupa em interrogar, talvez por já não ser tempo de dúvidas, ou então por não lhe dizerem respeito essas verdades últimas, cegas como facas. Não é um poema de obediência o que me proponho nestas linhas; trata-se de outra coisa: levar à boca fresca do ar o ardor das areias queimadas. Mas sem palavras, sem palavras.

Eugénio DE ANDRADE (1987) *Vertentes do olhar*.

Ponto 4 – Jardim Botânico do Porto



O Jardim Botânico do Porto situa-se nos jardins da Quinta do Campo Alegre ou Casa dos Andresen. Em 1895 o comerciante João Henrique Andresen adquire a Quinta do Campo Alegre e recupera os jardins, impondo o estilo romântico dominante na época. Com a morte da matriarca da família, o jardim ficou ao abandono. O Estado tomará posse da quinta em 1949, convertendo-a em 1951 no Jardim Botânico do Porto. A sua gestão é desde então assegurada pela Faculdade de Ciências do Porto.



Sophia de Mello Breyner viveu nesta casa uma parte significativa da sua infância e juventude, tal como Ruben A., seu primo e também escritor. Na obra *Histórias da Terra e do Mar*, de Sophia de Mello Breyner, há um conto dedicado à história da vida da família de Sophia (*Saga*), onde se descreve a casa e a quinta, ou os contos para crianças, de Sophia, «O Rapaz de Bronze» e «A Floresta».

Texto 33



Fiquei então por cá dois ou três dias. O Ernesto mostrou-me o mar da Foz, a Cantareira, o «cabedelo de ouro», que Raul Brandão diz ter conservado sempre na retina; com a Sophia passei uma tarde nos jardins abandonados da Quinta do Campo Alegre, eu próprio abandonado ao som da sua voz que se misturava com o jorrar das águas e o cheiro resinoso e marítimo dos pinheiros (...)

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*,
Fundação Eugénio de Andrade, pg.12.

Texto 34

Tudo na casa era desmedidamente grande desde os quartos de dormir onde as crianças andavam de bicicleta até ao enorme átrio para o qual davam todas as salas e no qual, como Hans dizia, se poderia armar o esqueleto da baleia que há anos repousava, empacotado em numerosos volumes, nas caves da Faculdade de Ciências, por não haver lugar onde coubesse armado

Sophia MELO BREYNER (1984) «A Saga», em *Histórias da Terra e do Mar*.

Agustina Bessa-Luís, Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugénio de Andrade.

Texto 35

Poema para a Sofia Andresen

Não sei porque floriram no meu rosto
os olhos e os versos que há em ti.
Floriram por acaso, ao sol de agosto
sem mesmo haver agosto ou sol em mim.
Não sei porque floriram: se o orvalho as queima...
(Ponho as mãos nos olhos para os proteger!)

Eugénio de Andrade
Fevereiro de 1946

Texto 36

Meditação do Duque de Gandía sobre a morte de Isabel de Portugal

Nunca mais

A tua face será pura limpa e viva
Nem o teu andar como onda fugitiva
Se poderá nos passos do tempo tecer.
E nunca mais darei ao tempo a minha vida.

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.
A luz da tarde mostra-me os destroços
Do teu ser. Em breve a podridão
Beberá os teus olhos e os teus ossos
Tomando a tua mão na sua mão.

Nunca mais amarei quem não possa viver
Sempre,
Porque eu amei como se fossem eternos
A glória a luz o brilho do teu ser,
Amei-te em verdade e transparência
E nem sequer me resta a tua ausência,
És um rosto de nojo e negação
E eu fecho os olhos para não te ver.

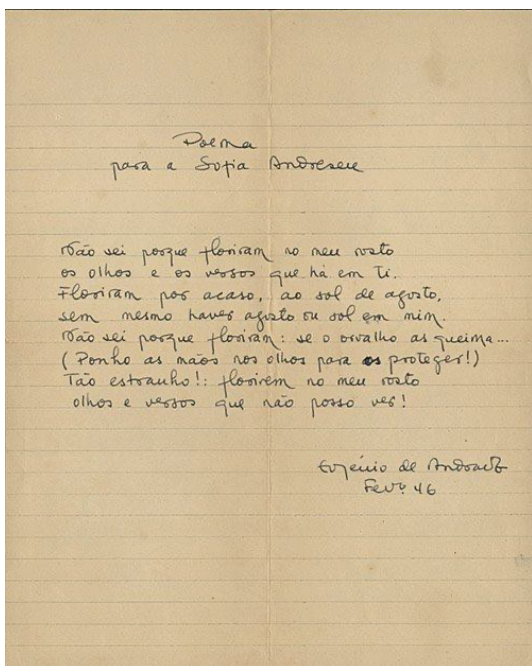
Nunca mais servirei senhor que possa morrer.

Sophia DE MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar novo* (vídeo, poema recitado por Ana Luísa Amaral)



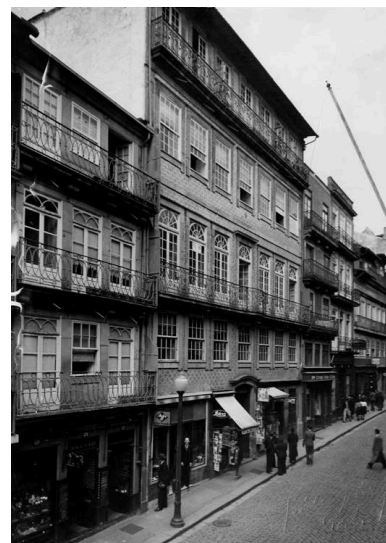
Sophia com amigos, na Casa de Mateus, anos 80. De trás para a frente e da esquerda para a direita: Andréa Rocha, Vasco Graça Moura, Miguel Torga, Graça Seabra Gomes, Alberto Pimenta; Eugénio de Andrade, Sophia, Pedro Tamen, Helena Vaz da Silva; Alexandre O'Neill, Clara Rocha, Fernando Guimarães; Fernando Albuquerque, M. de Lourdes Guimarães, (?), Francisco Sousa Tavares, (?).

Carta de Eugénio de Andrade com «Poema / para a Sofia Andresen», assinado e datado «Fev. 46»



Ponto 1 – Rua das flores

É considerada a rua mais bela da Baixa portuense. Foi aberta em 1521 pelo rei Dom Manuel I, chamava-se então Rua de Santa Catarina das Flores (talvez por ter muitas hortas) o objetivo era ligar a parte alta da cidade com a zona ribeirinha, o Largo de S. Domingos e a Porta de Carros, uma porta da muralha fernandina localizada no topo da atual Praça de Almeida Garrett. Quem entra nesta rua nota logo a diferença com as outras ruas. Tem um aspeto oitocentista, burguês, rodeado por típicos edifícios portuenses com dois e três pisos, com as características janelas e varandas de ferro. No rés-do-chão ficam as lojas e nos andares superiores vivem os comerciantes e suas famílias. Era a rua dos ourives, do ouro, da prata, onde se criavam peças de filigrana e outras que tornaram famosos os ourives portuenses. Hoje restam poucas ourivesarias e outros negócios substituem os de outrora.



Rua das Flores em 1942.

Muitos dos terrenos onde foi aberta a Rua das Flores pertenciam à Igreja e nas casas mais antigas ainda é possível ver símbolos dos forais que atribuíam a propriedade ao bispo e ao cabido: a roda de navalhas do martírio de Santa Catarina (nas que eram propriedade do bispo) ou a figura do arcanjo S. Miguel (símbolo da pertença ao Cabido).

Esta rua ficou também famosa por um crime ocorrido no século XIX: o médico Urbino de Freitas foi acusado de matar um sobrinho com amêndoas envenenadas, de forma a herdar a fortuna do sogro. Os presentes envenenados foram entregues na Rua das Flores e destinavam-se também a duas outras sobrinhas que ali residiam, mas que acabaram por sobreviver.

Texto 37

Naquele domingo de fins de julho também a tarde ia chegando ao fim. Por isso está deserta a rua —e tão doirada. Há nela, suspensa, difusa, uma luz ainda morna, quase musical, ou talvez seja só o rumor das pombas, baixando de torres e telhados e cornijas até ao chão. Acodem-me à lembrança uns versos persas que, pela intensidade da ascensão, só podem ser de Hafiz:

*O que da poeira faz oiro com o olhar,
Sobre nós, oxalá, recaia a sua atenção.*

Graças ao olhar privilegiado que aprisionou aquele instante, podemos agora, de imagem em imagem, contemplar aquela rua, é-nos consentido ver com outros olhos ou outra emoção esse fim de tarde que não poderia nunca repetir-se. Só um olhar enamorado da realidade mais real saberia descobrir-lhe essa irreabilidade habitada apenas pela luz.

Fora das fotografias, a rua é movimentada, embora a febre comercial da cidade já não passe por ali —como todas as ruas antigas, teve os seus dias de glória, o seu perfume entre recatado e mundano, a sua crónica de secretos e românticos

enredos. Quando cheguei ao Porto, já lá vão uns anos, naturalmente, ainda me levaram à Rua das Flores para comprar um anel, Pois só ali se sabia do ofício. Já então o comércio declinara, perdida a clientela mais endinheirada e exigente, mas a ourivesaria conservava ainda o seu prestígio. Na rua quase não há prédio sem loja de malhas, de louças, de vinhos, de ferragens, de tabacos, de brinquedos, de coroas funerárias, de chapéus, de botões, de jóias, como já disse. Lá dentro os caixeiros devem enfadar-se, tantas são as horas em que nem sequer uma criança vence as portas estreitas. Não falta também na rua a igreja, a barbearia, a farmácia, a pastelaria, tudo de arrabalde, excepto a casa de Deus, barroca, como não podia deixar de ser, e acabada por mãos toscas e pesadas, atidas a tarefas mais rudes. As casas, com três ou quatro exepções imperdoáveis, são belas, e quanto mais belas mais arruinadas —fazem dó, em vez de nos cativarem coma sua incomparável beleza. É uma rua digna de Florença, esta, que no sé-culo XVI se chamava, com alguma pompa, Rua de Santa Catarina das Flores; simplesmente, se fosse florentina, teria um ar menos encardido, e as suas casas brasonadas, em vez de exibirem uma decadência vergonhosa, abrigariam obras de Botticelli ou Ghirlandaio, e ouvir-se-iam por toda a parte as silabas toscanas de ir acentos escarlates da sua fala.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, Fundação Eugénio de Andrade , pgs. 33-34.

Ponto 5 – Rua Dr. Barbosa de Castro, n.º 37-41

Eugénio de Andrade lembra três figuras que se tornaram, cada uma à sua maneira, símbolos da cidade –Fernão Lopes, Almeida Garrett e Camilo.

João Baptista da Silva Leitão, Almeida Garret, nasceu no Porto o 4 de fevereiro de 1799, na Rua Dr. Barbosa de Castro próxima dos Jardins da Cordoaria, na casa n.º 37-41, e aí viveu até aos cinco anos, deslocando-se depois para Vila Nova de Gaia. A meio do primeiro andar da casa, de características setecentistas, num medalhão oval em gesso, colocado pela câmara municipal em 1864, uma inscrição homenageia a memória do autor de *Viagens na Minha Terra*.

De descendência nobre foi o segundo filho do selador-mor da Alfândega do Porto, Antônio Bernardo da Silva Garrett e de Ana Augusta de Almeida Leitão. Garrett passou sua infância na Quinta do Sardão em Oliveira do Douro, em Vila Nova de Gaia, propriedade de seu avô materno, José Bento Leitão. Com apenas 10 anos foi viver nos Açores visto que sua família se refugiava da invasão francesa em Portugal. Desde então, passa a receber a educação clássica orientada pelo seu tio escritor e Bispo de Angra, Frei Alexandre da Conceição. Com 18 anos vai estudar Direito na Universidade de Coimbra se formando em 1821. Exerceu a profissão durante um tempo até se dedicar exclusivamente à sua grande paixão: a literatura.

Em 1822, casou-se com Luísa Midosi e em 1856, separa-se dela e passa a viver com D. Adelaide Pastor até 1841, ano em que ela morreu. Participou na revolução liberal, adquirindo um espírito político e libertário. A publicação do poema libertino «*O Retrato de Vênus*» (1821) absorve a atenção da crítica, sendo assim taxado e processado como ateu e imoral. Por conseguinte, exilou-se na Inglaterra, momento propício para o contato com escritores ingleses como Lord Byron (1788-1824), Walter Scott (1771-1832) e William Shakespeare (1564-1616). Mais tarde foi viver na França, regressando ao seu país em 1826 donde ocupa o cargo de jornalista nos periódicos *O Português* e *O Cronista*. Grande entusiasta das questões políticas de seu país, Garrett fundou o jornal *Regeneração*, voltado para causas políticas.



João Baptista da Silva Leitão, Almeida Garrett (Porto o 4 de fevereiro de 1799 - Lisboa, dia 9 de dezembro de 1854)

Falece na capital portuguesa, Lisboa, dia 9 de dezembro de 1854, com 55 anos vítima de câncer de origem hepática.

Há marcas do escritor por toda a cidade no Porto :

- Igreja de Santo Ildefonso, onde Garrett foi baptizado em 1799.
- Edifício do Colégio de S. Lourenço/Igreja dos Grilos na Sé, e regimento militar improvisado, onde se refugiou durante o cerco do Porto, em 1832, e onde deu início ao romance «O Arco de Sant' Ana: crónica portuense».
- Praça Almeida Garret junto à estação de S. Bento.
- Ele foi um dos responsáveis pela introdução do coração de D. Pedro no brasão da cidade do Porto.
- Sepultura em sua homenagem no cemitério da Lapa, embora os seus restos mortais se encontram no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.
- Desde 1954, no 1.º centenário da sua morte, uma estátua sua em bronze, tem lugar de destaque em frente à câmara municipal do porto.
- em 2001, a Biblioteca Municipal nos jardins do Palácio de Cristal foi baptizada de Almeida Garret.

Texto 38

Aquele que foi o irmão maior de Nobre –«Garrett da minha paixão...» – será com o Porto bem mais generoso. Para lá do «grande aldeão» que lhe atirou à cara, teceu ao seu exemplar espírito de liberdade o mais belo hino de que esta terra se pode orgulhar, além de ter lavrado ainda, «em recta pronúncia e frase de brasão», um decreto em que todos os seus títulos de nobreza lhe são confirmados por despacho régio, e de lhe reformar as Armas, onde «lhe coloca, em escudo de honra, no meio, o coração de D. Pedro...» Nem assim o «leal, paciente e bom povo» da sua cidade lhe perdoou os versos de juventude –Garrett nunca será eleito deputado pelo Porto, como tanto ambicionou. Em carta a Gomes Monteiro, datada de 23 de Junho de 1838, escreverá: «Quanto a mim, sem falsa modéstia, nem escrúpulo algum, lhe digo que trago atravessado na garganta, o não ser eleito pela minha terra...» Em 1840, ainda se queixa ao mesmo amigo: «Eu sou do Porto, dói-me se não me elegerem os meus patrícios porque em verdade mereço-lho». Em verdade, merecia-o, e o Porto perdeu uma ocasião única em demonstrar que não era «aldeão» ao mais civilizado dos seus filhos.

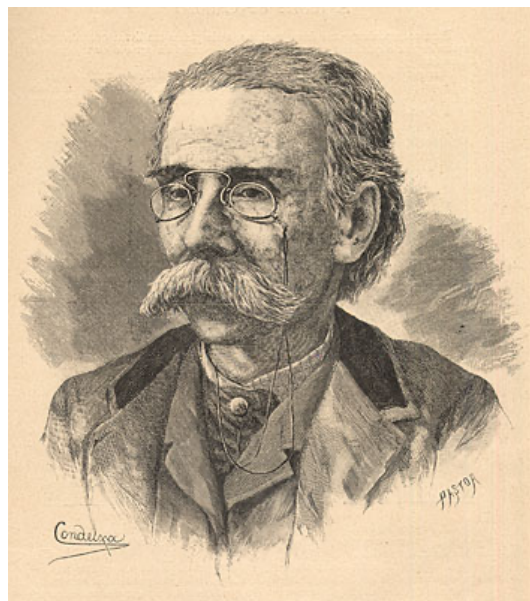
A grande trindade poética que lavra, nesta pedra escura, o perfil seguro do Porto –Fernão Lopes, Garrett e Camilo– leva fatalmente à cidade uma pessoal visão de mundo, o seu génio próprio. O Porto de Fernão Lopes é quase legendário: heróico e honrado; o de Camilo, grotesco e dramático; o de Garrett irónico, pitoresco e sentimental. São três tempos (em duplo sentido: histórico e musical) do seu carácter que, embora esquematicamente enunciados, nos permitem algumas aproximações. A cidade viril de Fernão Lopes é ainda a de Herculano, Ramalho, Jaime Cortesão e Miguel Torga; Raul Brandão, Pascoaes e Agustina estão, de algum modo, na continuação do pessimismo de Camilo; de Garrett parte, dessorada, perdido por completo o seu impenitente humor, toda uma toada que de Júlio Dinis e António Nobre vem desaguar em tanta loa tacanhamente regionalista e deprimente. Isto para falarmos apenas de quem mais se debruçou na alma destas pedras, bem pouco transparente, como se vê.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, Fundação Eugénio de Andrade , pgs. 15-16.

Ponto 6 — Rua Escura

Entre todos os escritores que deixaram a sua marca no Porto, destaca-se Camilo Castelo Branco.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco nasceu no Bairro Alto, em Lisboa, a 16 de março de 1825. Órfão de mãe, aos dois anos, e de pai, aos dez, passou a viver em Vila Real com a tia paterna e a irmã mais velha. Com apenas dezanove anos, casou com Joaquina Pereira de França, de quinze, com quem teve uma filha. Mas rapidamente abandonou ambas, que viriam a falecer pouco tempo depois.



Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, (nado em Lisboa o 16 de marzo de 1825 - finado en São Miguel de Seide o 1 de xuño de 1890)

Instalou-se no Porto, em 1843, e matriculou-se na Academia Politécnica e na Escola Médico-Cirúrgica, morando na Rua Escura, muito próximo da Sé, no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um beco fétido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a viela dos Pelames. Entregando-se à vida boémia, Camilo encenou um duelo com um colega de curso na Torre da Marca¹⁹, levando à intervenção das autoridades. Reprovou e, em 1845, acabou por abandonar o curso de Medicina, publicando os seus primeiros poemas. Após uma breve passagem por Coimbra, conseguiu um emprego no Governo Civil de Vila Real. Conheceu Patrícia Emília de Barros, mas foi obrigado a fugir de Vila Real por ter publicado artigos contra o governador civil. De regresso ao Porto, Camilo iniciou-se na profissão de jornalista, mas foi acusado de rapto e desvio de dinheiro. Camilo e Patrícia, que viviam maritalmente, acabaram por ser presos na Cadeia da Relação do Porto. Desta ligação resultou o nascimento de Bernardina Amélia, em 1848. Entretanto, Camilo publicou a narrativa *Maria! Não me mates que sou tua mãe!*, do género literatura de cordel, que obteve grande sucesso comercial, sendo várias vezes reeditado.

Conheceu Ana Augusta Plácido casada com Manuel Pinheiro Alves, brasileiro de torna-viagem²⁰, 24 anos mais velho do que ela com quem iniciou uma relação amorosa. O caso escandalizou a sociedade portuense, já que Ana Plácido era cunhada de Bernardo Ferreira, filho da famosa Ferreirinha da Régua, e Pinheiro Alves era um capitalista muito respeitado na cidade. Camilo passou por dificuldades e viu os seus textos serem recusados pelos jornais do Porto. Tentou obter um emprego fixo -nomeadamente como bibliotecário, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, e como professor, na Academia Politécnica-, mas sem sucesso (Cabral, 1988).

Incapaz de pôr termo ao adultério, e após Ana Plácido ter dado à luz uma criança, Manuel Plácido, presumivelmente filho de Camilo, Pinheiro Alves moveu um processo

¹⁹ Local onde atualmente estão os jardins do Palácio de Cristal.

²⁰ Designação dada aos portugueses emigrados no Brasil que regressavam, enriquecidos, à sua terra natal.

judicial contra os dois amantes, em 1860. Ambos foram encarcerados na Cadeia da Relação do Porto. Foi a segunda estada de Camilo nesta prisão, mas, desta vez, já como escritor consagrado. Recebeu a visita do rei D. Pedro V, traduziu obras de autores estrangeiros e redigiu alguns dos seus romances mais conhecidos, nomeadamente o celeberrimo *Amor de perdição*.

Camilo e Ana Plácido acabaram por ser absolvidos em tribunal, passando a viver juntos definitivamente. Entretanto, em 1863, nasceu o filho Jorge e faleceu Pinheiro Alves, que deixou a Manuel Plácido uma avultada herança –gerida por sua mãe, Ana Plácido– em dinheiro e diversos imóveis, nomeadamente a casa e quinta de família em São Miguel de Seide, concelho de Vila Nova de Famalicão. Após um período de permanência na Rua do Almada, o casal Camilo e Ana mudou-se para Seide, onde nasceu o terceiro filho, Nuno. Para manter a família, Camilo escrevia incessantemente, chegando a publicar seis romances por ano, para além de manter uma colaboração jornalística intensa. No entanto, começou a ressentir-se da sua doença oftálmica, que se foi agravando. As difíceis condições de subsistência e as manifestações de loucura do filho Jorge obrigaram-no, em 1871, a leiloar parte da sua biblioteca, na Rua de Santo Ildefonso, no Porto. Sucederam-se as publicações, mas também as polémicas, nas quais não conseguia deixar de se envolver. Publicou *Eusébio Macário* (1879), *A corja* (1880) e *Vulcões de lama* (1886), o seu último romance.

Em 1885, foi feito visconde de Correia Botelho, conseguindo uma pensão vitalícia para o filho Jorge, cuja loucura, irreversível, levou a que fosse internado no Hospital do Conde de Ferreira. Camilo casou-se, finalmente, com Ana Plácido em 1888, em cerimónia civil numa casa da Rua de Santa Catarina, no Porto. Cego e desesperado, acabou por se suicidar na Quinta de São Miguel de Seide, no dia 1 de junho de 1890. Foi sepultado no cemitério da Lapa, no Porto, no jazigo do seu amigo Freitas Fortuna.

Texto 39

Domingos Peres das Eiras é o seu nome –dizia eu aos amigos, quando visitei o Porto pela primeira vez, num entardecer já distante, ali, no terreiro do Convento da Serra, fascinado por todo aquele casario que se derramava às golfadas no Douro, as fachadas roídas pelos dias húmidos e viscosos, onde uns restos de sol fulguravam nas janelas e nos telhados, e as torres mais hirtas pareciam recuar na noite, que principiara a cair. – Precisas de ler Camilo – responderam-me. Eu calei-me: não era forte em Camilo. Pensava no espírito tão genuinamente popular desta terra, a que se encontrava vinculada a mais alta das suas virtudes, o seu espírito de fronde, que conquistou o privilégio de banir a nobreza dos seus muros e não permitiu ao Tribunal do Santo Ofício celebrar aqui mais que um só auto-de-fé. Que me importava a mim, naquele momento, o que dissera Camilo do Porto? Poderia alguém, Camilo ou quem quer que fosse, negar aquela beleza desganhada e áspera que tinha diante dos olhos? Só mesmo quem fosse cego de nascença. (...)

Quanto a Camilo, só o li –e mal é certo!– muitos anos depois: quando voltei ao Porto para ficar. Quem o nega? Camilo viu do Porto a outra face, a do «burgo antigo com a sua dinastia de comerciantes», que o Eça também lhe descobre, sem contudo lhe negar o que lhe negou Camilo –a honradez: «O bom portuense se quiser ter foros de cidadão terá de provar que o bisavô veio para a cidade com uma broa e meio presunto no saco, escarranchado sobre dois costais de

castanholas; que o avô teve balcão de fazendas brancas e foi irmão do Santíssimo, irmão benemérito da Misericórdia, e vinte anos a fio vestiu balandrau para pegar ao andor de Nossa Senhora. Item, que o pai era, sem vergonha do mundo negociante de quatro portas, afora os postigos por onde passava o contrabando; que sua mãe fora uma gorda e boa mulher que remendava, passajava e sabia mesmo deitar uns fundilhos nas calças do marçano e nunca na vida tivera pacta com letra redonda.» Era isto o Porto, na juventude de Camilo? Se pensarmos no pendor caricatural e polémico do autor de *Amor de Perdição*, nas circunstâncias em que tais palavras, e outras, e outras, foram escritas (poucas vezes, como aqui, o verso de Pessoa «Compra-se a glória com desgraça» terá tido tanta ressonância), poder-se-á objectar que a imagem está um tanto ou quanto desfocada; ou se preferem: não seria o provincianismo apelintrado, que se despeja inteiro na cidade da Virgem, afinal, característica de todo o país? Do país..., do país..., que pensava Camilo? Oçam-no! «Quando se fará ao menos inodora esta cloaca de Portugal?» Azedo, agastado, doente, «escouceado» numa terra que lhe não perdoava o sarcasmo, como a Garrett não perdoou a ironia, Camilo ainda pôde, contudo, escrever a um amigo: «Estou triste. Aproxima-se a hora de deixar para sempre esta terra, onde, a par de muitos dissabores, experimentei alegrias instantâneas. Não é da gente que tenho saudades. É de não sei quê...» São realmente muito tortos os caminhos do amor.

Mais do que o sarcasmo de Camilo, que disfarçava, ao fim e ao cabo, uma ternura por esta gente metida nos seus «tamancos estóicos» (se assim não fora, como explicar que lhe tenha mordido e remordido o coração?), surpreende o desprezo de António Nobre, nascido na Rua de Santa Catarina, educado em colégios da Rua Formosa e da Rua de Cedofeita, que guardará o seu amor para os subúrbios da cidade. O dandy das praias de Leça tinha a sua opinião formada, e a sua opinião era a de Eça de Queirós, como comunicará de Paris a Alberto de Oliveira: «Jesus! Que terra! Verdadeiramente inabitável!» Pobre moço, coitado! Não tardaria em saber que não só o Porto, mas todo o planeta, é inabitável. E acabará – oh, má sina do poeta! – os seus dias na Foz a murmurar: «Que lindo que isto é!» Que descanse em paz. Ámen.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, Fundação Eugénio de Andrade , pgs. 12-13.

Ponto 7 – Sé do Porto

Domingos Peres das Eiras, cidadão portuense que tomou o apelido da rua onde vivia -a medieval Rua Chã das Eiras. Mas a sua notoriedade não provém do facto de ter ali morado. Viviam-se aqueles tempos tormentosos que se seguiram à morte do rei D. Fernando, o Formoso, em 1383. Os castelhanos cobiçavam a Coroa portuguesa. Nos começos do ano de 1384, Lisboa foi cercada por um numeroso exército espanhol. Ao Norte, tropas galegas, comandados pelo arcebispo de S. Tiago de Compostela, puseram-se a caminho pela estrada de Guimarães com a intenção do tomar o Porto de assalto. Sabendo da aproximação das tropas inimigas, os do Porto saíram do burgo e foram postar-se «*ao chafariz de Mijavelhas, que é pequeno espaço da cidade*» à espera. Mas o arcebispo não apareceu.

Ao outro dia chegaram emissários à cidade a avisar que os galegos voltavam a aproximar-se. Saíram outra vez os do burgo, agora pela Porta do Olival, «*aguardando-os por largo espaço longe da cidade*» onde «*andaram escaramuçando rijamente*» Diz a crónica que «*os galegos retiraram perseguidos pelos nossos*».

Entretanto, davam entrada no rio Douro as galés fieis ao Mestre de Aviz que haviam conseguido escapar ao cerco dos espanhóis. Chegaram «*todas pavesadas e bem corregidas, e com grande alegria, dando às trombetas, dizendo duas saudações, como é costume dos mariantes*».

Capitaneava a frota Rui Pereira que mandou juntar todo o povo para ouvir a mensagem do Mestre (de Aviz) em que «*pedia auxilio contra a ameaça castelhana que pairava sobre todo o reino*» solicitando, especialmente, que «*façais deitar as naus e barcas que aqui (no Porto) há na água, e sejam logo equipadas para elas, com estas outras que vieram de Lisboa, irem todas pelejar com a frota de Castela*». Pediu mais, Rui Pereira, aos portuenses «*que lhe acorrais (ao Mestre e Defensor do Reino) com uma soma de dinheiros emprestados*».

Em nome da cidade respondeu a Rui Pereira o «*bom cidadão*» Domingos Peres das Eiras nestes precisos termos «*Rui Pereira, vós dissestes mui bem vossa mensagem e tudo o que vos foi encomendado; e eu digo por mim e por todo este povo que aqui está que nós estamos prestes com boa vontade de servir o Mestre, nosso Senhor, e fazermos tudo o que ele mandar por seu serviço e defesa do reino (...) e porém o ouro, e prata, e dinheiros, e tudo quanto temos, tudo faremos prestes para tal negócio: cá se não podem dispende em coisa mais aguisada que por defesa de nossa terra, e por nunca sermos em poder dos castelãos...*»

Com este discurso ficou assente que dali por diante a cidade do Porto daria todo o seu apoio à causa do Mestre de Aviz. Aliás, o Porto foi a segunda cidade portuguesa que aclamou D. João como rei de Portugal.

O local onde se encontraria a jazida deste bravo portuense esta na catedral. Um portuense daqueles que, durante o domínio episcopal, nunca vergaram a cerviz, que energicamente sempre se bateram pelos seus direitos e liberdades, que corajosamente souberam afrontar o poder eclesiástico e às ameaças de Roma responder com um «*excomunhão não brita osso!*»

Uma pista para o sítio onde estarão sepultados os restos mortais de Domingos Peres das Eiras. Entre a documentação que foi do Cartório do Cabido e que se guarda no Arquivo Distrital do Porto, referente ao ano de 1392 há uma referência a uma obrigação do Cabido de, todos os anos, a 21 de Fevereiro, mandar celebrar um aniversário (da morte) por Domingos Peres das Eiras cuja campa ficava «*na crasta nova, na segunda capela à mão esquerda entrando na dita crasta, sob a campa que estava mais chegada á parede e tinha em cima um escudo com flores e ondas...*».

Texto 40

Há nomes que a nossa memória recusa guardar sozinhos. Não é que não tenham em si mesmos sortilégio bastante para atravessarem a morte desamparados, mas apenas porque a nossa imaginação lhes deu um rosto de homem, numa idade em que, sem um rosto, nenhuma imagem, por mais próxima ou menos degradada, se tornaria dócil e convivente. Junto dos muros calcinados de Tróia, como poderemos escapar à feroz sedução da figura de Aquiles? Até à roda dos meus vinte anos, o Porto e um «bom cidadão do lugar» estavam tão religados no meu espírito, que eu amava a cidade só através de um rosto – o de Domingos Peres das Eiras. Naquelas falas, que Fernão Lopes pôs na sua boca, era a masculina música das palavras sem vileza que eu escutava, e o seu rosto, de que nenhum de nós conhece as feições, uma das poucas imagens de hombridade portuguesa, que eu juntava a outras, num tempo em que a juventude não cessa de crescer. Quem não se recorda das palavras com que responde ao enviado do Mestre de Avis? «Eu digo por mim e por todo este poboo que aqui esta, que nos somos prestes com boa voomtade de servir o Meestre, nosso Senhor, e fazemos todo o que ell mamdar por seu serviço e deffemssom do rregno. Ca já ell seeria huu estranho que nos nom conheçeríamos, e quamdo sse ell desposesse ataaes trabalhos e perigoos por nos deffemder e emparar, nos o serviríamos com os corpos e averes; moormente seer elle filho delRei dom Pedro como he...» Ainda hoje não consigo ler estas linhas sem uma leve agitação nas águas que em mim parecem mais mortas, e, ainda hoje, o que amo nesta cidade é essa música primeira que, alguns séculos depois, ressoaria na prosa de Herculano. Domingos Peres das Eiras é o seu nome – dizia eu aos amigos, quando visitei o Porto pela primeira vez, num entardecer já distante, ali, no terreiro do Convento da Serra, fascinado por todo aquele casario que se derramava às golfadas no Douro, as fachadas roídas pelos dias húmidos e viscosos, onde uns restos de sol fulguravam nas janelas e nos telhados, e as torres mais hirtas pareciam recuar na noite, que principiara a cair. – Precisas de ler Camilo – responderam-me. Eu calei-me: não era forte em Camilo. Pensava no espírito tão genuinamente popular desta terra, a que se encontrava vinculada a mais alta das suas virtudes, o seu esprit de fronde, que conquistou o privilégio de banir a nobreza dos seus muros e não permitiu ao Tribunal do Santo Ofício celebrar aqui mais que um só auto-de-fé. Que me importava a mim, naquele momento, o que dissera Camilo do Porto? Poderia alguém, Camilo ou quem quer que fosse, negar aquela beleza desgrenhada e áspera que tinha diante dos olhos? Só mesmo quem fosse cego de nascença.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, Fundação Eugénio de Andrade, pgs. 11-12.

Ponto 8 — Painel *Ribeira Negra* por Júlio Resende



Júlio Martins Resende da Silva Dias
Júlio Resende

(Porto, 23 de Outubro de 1917 — Valbom,
Gondomar, 21 de Setembro de 2011).

Ribeira Negra é considerado o melhor painel cerâmico contemporâneo português, recriando a atmosfera da zona da Ribeira, um dos locais mais emblemáticos da cidade do Porto. Esta notável obra de arte com 40 metros de comprimento por 4,8 metros de altura, desafiou o artista, que aos 70 anos não abdicou de o pintar e gravar pelas suas próprias mãos, encontra-se estrategicamente colocada junto ao início do tabuleiro inferior da Ponte D. Luiz. O painel *Ribeira Negra*, que nas palavras do Professor e Crítico de arte Bernardo Pinto de Almeida, trata-se de «a última grande obra alegórica feita em Portugal» e da «celebração de uma epopeia que o povo encarna e que Resende homenageia através desta representação», apresentava-se em mau estado de conservação.

Texto 41

Toda a gente sabe que no Porto, entre a Sé e a Ribeira, as casas se empinam umas nas outras como os acrobatas no circo. Num ímpeto barroco, as quelhas e os becos sobem e descem pelo morro, multiplicam-se em degraus e degraus escorregadios, e só por escassos momentos afrouxam para ganhar ânimo em patamares lamacentos, onde os cachorros foçam no lixo, ou em poças de água choca, à mistura com as crianças. Nas paredes escorre uma espécie de suor frio, e não é do nevoeiro, nem da sombra, que nestas vielas é viscosa até no pino do verão; não, no Barredo a humidade vem das entranhas dos pardieiros, atravessa a espessura dos tabiques, extravasando para pátios e escadarias. Há quem habite entre aquelas paredes, e sofra, e faça filhos, e até sonhe, os olhos pregados ao postigo donde se avista o rio de pele suja e triste, ou uma, duas, três gaivotas; essas não faltam aqui no Douro, que é o nome do rio, e na véspera das chuvas sobrevoam S. Vítor, arriscam-se até S. Lázaro: cá estão elas, são quatro, pousam agora num telhado

baixo, em frente da minha janela —um dia hei-de escrever um poema onde diga delas coisas mais bonitas do que Lawrence disse dos cíclames sicilianos.

Diz-se, e eu acredito, que é na Ribeira que pulsa o coração do burgo. Aqui podes ainda ouvi-lo bater como no tempo do senhor D. João I, ou de seu filho D. Henrique, que também por aqui andou a arrebanhar homens, navios e cabedais para as suas empresas, afirmando Zurara que «era ali o tráfego tamanho em aquela ribeira que, de dia nem de noute, nunca estava só nem os marinheiros não eram pouco cansados em arrimar tamanha multidão de frasca.» É exactamente aqui, no meio destas criaturas, que não serão atraentes pela sua beleza mas por certa rudeza e orfandade, embora possam de vez em quando surpreender-nos por uma natural e insuspeitada gentileza, é aqui, dizia eu, que poderás encontrar ainda alguns herdeiros dos gestos e das falas de gerações e gerações de barqueiros e estivadores, de regateiras e carregões, gente que vivia quase só do rio e do mar, mais parca de haveres que de sentimentos, com muitas pragas na boca e alguns pedacinhos de sal nos cabelos, porque naqueles tempos o rio entrava-lhes pela casa, e ao cais atracavam todos os dias embarcações vindas de muitas, partes, carregando e descarregando vinho e peixe, azeite e fazendas, fruta e carvão. E o que não traziam os barcos vinha em carros de bois, porque a Ribeira sempre foi mercado: de flores, fruta, hortaliza, pão «e qualquer outro género de comestivo», como refere antiga postura municipal. E o mercado era debaixo das arcadas, não só por causa do tempo, que nesta cidade nunca foi amável, mas também pelo vinho verde e pelas iscas, que ali ficavam mais à mão.

Embora a Ribeira já não seja assim agora tem turistas, restaurantes com nome francês, barracas de bugigangas pregadas ao chão, vira-ventos de plásticos louças de Barcelos, mantas alentejanas... —lá para fim da tarde, a praça fica mais limpa e dá ainda algum gosto vê-la: as pombas vieram por aí abaixo juntar-se às gaivotas, dois ou três pescadores infidamente parados sonham com tainhas e bogas e enguias e roba-los, de que o rio já foi farto, e há aqueles garotos correndo atrás de uma bola até à demência, enquanto outros, quando o calor aperta, se despem e lançam à água, indiferentes às grandes manchas de óleo, às folhas de couve podres, aos preservativos boiando à tona. Um dia, quando as radiações da lixeira nuclear de Aldeadávila atingirem a Ribeira, a desolação será maior: as laranjas, as gaivotas, as crianças deixarão de brilhar ou correr ou gritar nesta praça —só o vento dançará com a poeira a dor do mundo.

Agora vinde cá, que vos quero dizer uma coisa. Como sabem, o grande cronista desta terra foi Camilo Castelo Branco, esse diabo, que não é tão feio como o pintam. Mas depois de Camilo vieram outros: o Ramalho, que era homem de respeito, o Raul Brandão, que tinha um olho muito fino para os pescadores da Foz e para aquele mar, e já nos nossos dias a Agustina, que fala do Porto ora com azeda melancolia ora com incomparável sedução. Mas a cidade tem outro cronista admirável, em que se não repara tanto por não se servir de palavras. É de Júlio Resende que estamos a falar. Agustina e Resende são em rigor contemporâneos, mas o olhar inquisitorialmente poético de ambos contempla realidades muito diferentes. O mundo que despertou o interesse da romancista é o da burguesia decadente, o da aristocracia rural, com algumas incursões às esferas da finança e da política: ou seja, um mundo pelo qual a pintura de Resende tem um soberano desprezo. A gente a que o pintor sempre procurou dar corpo e alma, e que lhe sai

ao caminho mal pega no lápis ou no pincel, é aquela a que Fernão Lopes chamou arraia-miúda. Isto, que nunca passou despercebido àqueles que seguiram empenhados a sua obra, tomou-se pura evidência a todos quantos tinham olhos na cara a partir de *Ribeira Negra*, o magnífico historial da miséria e da grandeza da população ribeirinha do Porto, exposto pela primeira vez em 1984, no Mercado Ferreira Borges.

Há uma brutalidade nesta pintura, digamo-lo sem qualquer hesitação; brutalidade que consiste em obrigar-nos sem trégua a pensar que o homem é o mais mortal dos animais, que o seu corpo não cessa de ser corroído pela lepra do tempo. que o esplendor da sua juventude se converte com facilidade na mais grotesca paródia de si próprio, que tudo nele está inexoravelmente votado à morte. É uma crueldade, é certo mas a compensá-la há também em Resende uma infinita piedade por estas criaturas cobertas de farrapos. quase sempre mulheres envelhecidas muito antes de serem velhas, porque tudo lhes faltou excepto o mais amargo da vida, e á quem também coube em sortes apesar de tudo, semear a terra de alegria. Se pensais que exagero, olhai este painel de cerâmica, variações da anterior *Ribeira Negra*, que lhe encomendou a Câmara do Porto justamente para a Ribeira, num gesto análogo ao da Câmara de Barcelona para murais e esculturas de Joan Miró. Com mão aérea e certa, o pintor, uma vez mais, povoou essa centena de metros quadrados de grés com as suas visões líricas ou dramáticas: crianças, mulheres, adolescentes, animais repartem entre si o espaço e o ritmo, a cor e a luz da sua cidade, com um lúcido ardor que é o outro nome da sabedoria. Posso garantir-vos que desde os seus primeiros trabalhos, toda esta figuração, vinda, do mais rasteirinho da terra, estava destinada a ascender pe-la sua mão a essa suprema dignidade, que só a arte confere. Eu creio que o que se faz aqui é mais do que perpetuar o rosto de uma cidade, de um país é dar, apesar de tudo, algum sentido à vida.

Eugénio DE ANDRADE (1993) *A Cidade de Garrett*, Fundação Eugénio de Andrade , pgs. 25-29.



Ponto 9 – Cubo da Ribeira de Monteiro de José Rodrigues

José Joaquim Rodrigues²¹ nasceu em Luanda o 28 de outubro de 1936 mas viveu uma parte da sua infância em Alfândega da Fé, uma pequena aldeia transmontana em Portugal. Tinha 25 anos quando regressou a Angola, convocado para combater na Guerra Colonial Portuguesa.

Realizou os seus estudos artísticos na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, onde concluiu o curso de Escultura, em 1963. Este é também o ano em que ajuda a fundar a Cooperativa Cultural Árvore, uma fundação privada na cidade do Porto, com o objetivo de promover um novo modelo de ensino artístico, em arquitetura e belas-artes, capaz de romper com o academismo vigente, mais livre e colaborativo. Será presidente desta instituição por trinta anos. A par desta atividade foi professor de Escultura na ESBAP até 1998.

Com Armando Alves, Ângelo de Sousa e Jorge Pinheiro constituiu, em 1968, o grupo Os Quatro Vintes, que irão marcar a introdução das vanguardas em Portugal a partir dos anos 1960. Este coletivo de artistas, que existiu até 1972, foi formado pela coincidência dos vinte valores dos seus membros no final do curso na Escola de Belas-Artes do Porto, e contribuiu de forma decisiva para um entendimento da arte contemporânea que se fazia em Portugal, a par do que se experimentava então no resto do mundo ocidental.

O seu trabalho é multidisciplinar, alia à escultura áreas como a gravura, a medalhística, a cerâmica, a ilustração e a cenografia. De entre vários autores portugueses, ilustrou livros de Eugénio de Andrade, Jorge de Sena, Albano Martins e Vasco Graça Moura. Outra vertente do seu trabalho é a arte sacra. Foi um dos promotores da Bienal de Vila Nova de Cerveira, em 1978, em conjunto com Jaime Isidoro (1924-2009) e Henrique Silva (n. 1933), na vila onde também viveu, e onde criou ainda a Escola Profissional de Ofícios Artísticos.

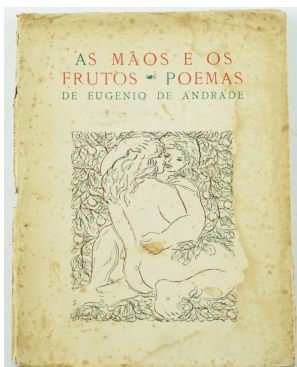
Morreu em Porto o 10 de setembro de 2016.

O amor à terra, aos elementos –que tão inscrito ficou nos objectos escultóricos que nos legou– e a sensualidade da sua arte favoreceram a aproximação entre José Rodrigues e certos escritores, muito em especial **Eugénio de Andrade**²², com quem manteve



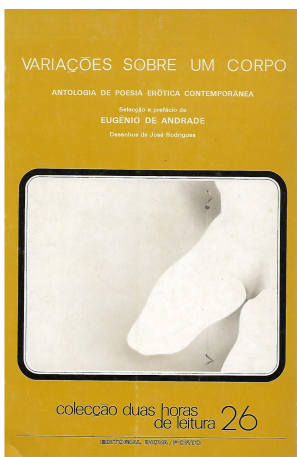
²¹ Das Belas-Artes ao Cubo da Ribeira. Roteiro da Arte de José Rodrigues em Espaços Públicos na cidade do Porto: <https://museudigital.pt/pt/roteiros/16>

²² Maria BOCHICCHIO (2015) *Eugénio de Andrade / José Rodrigues – Retrato de uma Amizade*, Câmara Municipal do Porto, Fábrica Social Fundação José Rodrigues ESADideia- Investigação em Design e Arte. <https://www.youtube.com/watch?v=HvpFEDlgHqE>



duradoura amizade e cumplicidade artística e com quem colaborou em obras diversas. A título de exemplo, os sedutores desenhos de luz e sombra para *Variações sobre um corpo: Antologia de poesia erótica contemporânea*, organizada por Eugénio de Andrade e editada pela Inova em 1972 ou a magnífica edição, de 1995, desse livro seminal da poesia portuguesa do século XX que é *As mãos e os frutos* (1.^a ed., 1948). Mas igualmente deu frutos, editoriais ou de outro tipo, a amizade do escultor com artistas da palavra como Luísa Dacosta, Mário Cláudio, Albano Martins, Luandino Vieira, Nuno Higinio e muitos outros. José Rodrigues tinha apreço pelos poetas e amor à poesia.

Texto 42



É sempre escura a sombra...

Eu conheço o José Rodrigues há milhares de anos: se não me engano, encontramos-nos pela primeira vez nas grutas de Altamira [...] aos vinte e poucos anos o Zé era outra coisa – sim- pático, barba bem tratada, atelier ali para as Fontainhas, uma maneira fácil e feliz de comunicar, sobretudo com a garota- da de S. Vitor, que lhe batia à porta pelo barro com que gos- tava de brincar. Distante do pesadelo da guerra colonial, ele necessitava daquele desprendimento juvenil, como juvenil era a curiosidade por toda a espécie de material, barro, papel, fer- ro, pedra, carvão, grafite: tudo os seus dedos procuram aque- cer, moldar, como se pensasse com as mãos, o instinto sempre à frente farejando, no rasto da luz ou de um aroma, rente ao chão. [...] e era uma alma generosa, e, coisa mais rara ainda num português, era homem de palavra, fazia o que prometera. [...]. Quando me pediram uma palavras sobre José Rodrigues, eu andava com um verso de Victor Hugo na cabeça – L'ombre est noir toujours même tombant des cygnes- um verso que Valéry diz ser o mais belo dele, ou talvez do mundo, que para exageros aí estão os franceses. Procurava fazer daquelas síla- bas esplêndidos um alexandrino português que não fosse in- digno de tal reputação:

É sempre escura a sombra, até mesmo a dos cisnes.

"Aqui o tem: ofereço-lho porque me sinto orgulhoso de ha- ver catado essa música onde se pressentem já os sortilégios do simbolismo, mas ainda próxima de um fazer rente ao dizer, princípio de uma poética de que lhe venho falando há milha- res de anos, talvez desde o nosso primeiro encontro, nas gru- tas de Altamira".

Eugénio de ANDRADE (1993) *À sombra da memória*, p. 75

Texto 43

Vastos Campos

Vou fazer-te uma confidência, talvez tenha já começado a envelhecer e o desejo, esse cão, ladra-me agora menos à porta. Nunca precisei de frequentar curandeiros da alma para saber como são vastos os campos do delírio. Agora vou sentar-me no jardim, estou cansado, setembro foi mês de venenosas claridades, mas esta noite, para minha alegria, a terra vai arder comigo. Até ao fim.

Eugénio de ANDRADE (1978) *Memória doutro rio*

Texto 44

Os Amigos

Os amigos amei
despido de ternura
fatigada;
uns iam, outros vinham,
a nenhum perguntava
porque partia,
porque ficava;
era pouco o que tinha,
pouco o que dava,
mas também só queria
partilhar
a sede de alegria —
por mais amarga.

Eugénio de ANDRADE (1958) *Coração do Dia*

Ponto 10 — Cooperativa Árvore - Rua Azevedo de Alburquerque 1

Numa antiga casa da nobreza, junto ao Passeio das Virtudes e com uma vista deslumbrante sobre o Rio Douro, nasceu nos anos 60 a Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, um espaço de divulgação de arte idealizado por grandes nomes da arte portuense.

A Árvore foi fundada em 1963 por artistas, escritores, arquitetos e intelectuais, destacando-se o Mestre José Rodrigues, escultor e autor do famoso Cubo da Ribeira. Juntamente com Armando Alves, Pulido Valente e Ângelo de Sousa, instalaram-se numa quinta abandonada e iniciaram a recuperação do edifício, adaptando-o às novas funções culturais.

A galeria e o auditório foram inaugurados em 1971. Apesar de ter passado já por momentos difíceis, que obrigaram, por exemplo, a que tivessem sido leiloados algumas obras artísticas que pertenciam ao seu espólio, a Árvore tem sobrevivido e marcado, de forma indelével, o panorama artístico e cultural da cidade do Porto.

Quando Eugénio de Andrade morreu, foi trasladado para a Cooperativa Árvore, onde ficou em câmara ardente.



